

LISBOA

BOLETIM DO
GRUPO

"AMIGOS DE
LISBOA"



ANO IX
N.º 33



JANEIRO
1946



COURAÇA

TORNA OS DENTES BONITOS



CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161 / Telef. 2 4264-65 P. B. X. / **Lisboa**
Rua Sá da Bandeira, 166 / Telet. 1361 P. B. X. / **Pôrto**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrozaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para
HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

COMPANHIA

DAS AGUAS DE LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 50.000.000\$00

SEDE **AVENIDA DA LIBERDADE, 24** **LISBOA**



PARA COZINHADOS BEM
APURADOS
O GÁS

DEPRESSA SE ABRE OU
FECHA UMA TORNEIRA
E... NADA MAIS.
ASSEIO, ECONOMIA E
SIMPLICIDADE

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA 1946

Peça à

P A R C E R I A
ANTÓNIO MARIA
P E R E I R A

as condições de aquisição, por
assinatura, da nova edição
actualizada e muito aumentada

DO

Dicionário Contemporâneo
da Língua Portuguesa

por: CALDAS AULETE

Companhia Nacional de Navegação

Em 1881, há 65 anos,

a Empreza Nacional de Navegação

constituiu-se com dois vapores
no total de 2 538 toneladas;

Em 1918, sucedeu-lhe a

Companhia Nacional de Navegação

que explora hoje cêrca de 86 mil
toneladas e

Ao serviço do Império

leva o nome de Lisboa a todos os
mares do Mundo

CANETAS E LADISEIRAS
As melhores marcas

SHEAFFER'S

EVERSHARP

MONTBLANC

PELIKAN

Canetaria VASCONCELOS, L^{DA}

* RUA DA PRATA . 270 • TELEFONE 22370 *



EMPRESA DE
NAVEGAÇÃO

WIESE & C.^A

RUA DO ALECRIM, 12
L I S B O A
TELEFONES 2 0181/2

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA — EXCELENTE ESTRADA MARGINAL
Rápido serviço de combóios eléctricos — Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos: Golf, (15 buracos), Ténis, Hipismo, Natação, Esgrima,
Tiro, etc.

Estoril-Palácio-Hotel: Moderno e elegante — Magnífica situação.

Hotel do Parque: Todo o conforto — Anexo às termas.

Monte Estoril-Hotel: (antigo Hotel de Itália) completamente modernizado.

Estoril-Termas: Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Análises
Clínicas — Ginástica Médica — Maçagens.

Tamariz: Magníficas esplanadas sobre o mar. Restaurante — Bar.

PISCINA de água tépida — SALA de ARMAS
ESCOLA DE EQUITAÇÃO — STANDS DE TIRO

CASINO:

Aberto todo o ano
Cinema — Concertos — Festas
Dancing — Restaurante — Bars
Jogos autorizados

Informações: — Soc. Propaganda da Costa do Sol — ESTORIL

ANGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —



CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO



Rua da Madalena, 211-3.º — LISBOA

TELEFONES 28933 — 51556

VINHO DO PORTO

«GRAHAM»

- | | | |
|----------------|---|--------------------------|
| «Emperor» | — | «Tawny» Velhíssimo |
| «Five Crowns» | — | Muito velho e sêco |
| «Six Grapes» | — | «Vintage» Velho do casco |
| «Imperial Dry» | — | «Ruby» Leve |



GUILHERME GRAHAM JNR. & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7

Lisboa Tel. 20066/9

Rua dos Clérigos, 6

Pôrto Tel. 880/1

ANTIGA CASA FIGUEIREDO

FUNDADA EM 1864, NA RUA BELA DA RAINHA

HOJE, RUA DA PRATA, 215-217

EM LISBOA

TELEFONE 27606

CASA ESPECIALIZADA NA FABRICAÇÃO DE:

- COLCHÕES DE ARAME
- COLCHÕES DE SUMAUMA DE JAVA
- COLCHÕES DE LÃ
- COLCHÕES DE CRINA ANIMAL
- COLCHÕES DE LÃ E CRINA (MIXTOS)
- COLCHÕES DE CORTIÇA
- COLCHÕES DE FOLHELHO

SÓMENTE FABRICAÇÃO DE PRIMEIRA QUALIDADE,
COM OS MELHORES PANOS PARA CAMAS DE
TODOS OS ESTILOS E DIMENSÕES

DIVANS — CAMAS — ALMOFADAS DE PENAS

SECCÃO DE CAMPISMO: CAMAS, MESAS, CADEIRAS E
BANCOS ARTICULADOS — TENDAS — MOCHILAS — LAVATORIOS,
BALDES, BANHEIRAS E CHUVEIROS DE LONA — COLCHÕES POR-
TÁTEIS — SACOS DE DORMIR — BORNAIS — LANTERNAS — CANTIS

Facas de mato, talheres e todo o material portátil para praticar campismo

TELE { FONES: 58135-58136
GRAMAS: MALHAS



CÓDIGOS { ABC — 5.ª Edição
R I B E I R O

MARCA REGISTRADA

SIMÕES & C.ª, LIMITADA

AVENIDA GOMES PEREIRA — BENFICA
FUNDADA EM 1907

A mais importante Fábrica de artefactos de malha do País. Fabricação de meias, peúgas, camisolas e roupa de malha para homens, senhoras e crianças, em algodão, lã e seda

CRIADORA DA BEM CONHECIDA E ACREDITADA MEIA «SUPER KALIO»
E DAS ROUPAS «SUPREMA»

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital: 80.000.000\$00 ◀ Fundos de Reserva: 64.800.000\$00

SEDE: 95, Rua do Comércio, 119 — LISBOA

Filliais — Pôrto, Coimbra, Braga, Faro e Covilhã.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, S. João da Madeira, Santarém, Tôres Novas, Mangualde, Tôres Vedras, ortozendo, Moura, Figueiró dos Vinhos, Matozinhos e Olhão

Dependências urbanas (LISBOA) — Alcântara, Almirante Reis, Benfica, Conde Barão e Paço do Bispo

EFFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PORTO DE LISBOA

(ADMINISTRAÇÃO GERAL)

Áreas — Molhada 11.150 hectares: terrestre utilizável 2.000 Ha. sendo 10 Ha. de área coberta.

Vias férreas: Superior a 50 km. de comprimento ligados à rede ferroviária do País.

Cais acostáveis — Comprimento total de cêrca de 13 km.

Docas sêcas: Cinco, de comprimento entre 42 e 180 metros.

Docas de abrigo: Sete, com 45 Ha. de área molhada total.

Carreiras de construção — Três, respectivamente, com 87, 120 e 150 metros de comprimento.

Oficinas de construção e repação naval: Amplas e convenientemente aparelhadas.

Guindastes: Hidráulicos, a vapor e eléctricos, terrestres e flutuantes, cuja potência elevatória varia de 1.500 kg. a 100.000 kg.

Material marítimo: Rebuçadores, dragas, barcas de água e batelões diversos, cilindros impulsores, etc.

Warrants: Faculdade de emitir warrants, nos termos do Códiga Comercial.

ADMINISTRAÇÃO GERAL DO PORTO DE LISBOA

———— **Cais do Sodré** ————

TELEFONES 2 5001/3 e 2 5665/6

Enderêço Telegráfico: «PORTISBOA»

Empresã Insulana de Navegaçãõ

CARREIRAS REGULARES ENTRE Lisboa, Madeira e Açores

Escalas e datas das saídas dos vapores :

Em 8 de cada mês para Madeira, Santa-Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa-Cruz), S. Jorge, (Calheta) (Loges) Pico e Faial.

Em 23 de cada mês para: Madeira, Santa-Maria S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), (Cais), Pico, Faial, Côrvo e Flores (Loges e Santa Cruz).

A escala da Ilha do Côrvo só se efectua nos meses de Maio, Junho, Julho, Agosto e Outubro, tocando também o vapor naquele porto no mês de Fevereiro só para troca de correspondência e serviços de passageiros.

AGENTES:

GERMANO SERRÃO ARNAUD

Carga e passagens de 3.^a classe

Avenida 24 de Julho, 2, 2.^o

Telef. 20214

Passagens de 1.^a e 2.^a classe

Rua Augusto, 152

Telef. 20216

Na Madeira

BLANDY BROTHER & C.^A, L.^{DA}

Em Ponta Delgada

BENSAUDE & C.^A, L.^{DA}

Oferta

27. JUL. 1988

ANO IX

JANEIRO DE 1946

NÚMERO 33

OLISIPO

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA

EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 25711 —

COMP. E IMP. NA «EDITORIAL IMPÉRIO, LIMITADA»-R. DO SALITRE, 153-TELEF. 53173-LISBOA

SUMARIO



UM OLISIPONENSE ILUSTRE—(José Artur Leitão Barcia)

por *Mário de Sampayo Ribeiro*

TORNEIO REAL DE 1795

pele *Eng. D. Francisco de Assis de Almeida de Mendis*

- A IGREJA DE NOSSA SENHORA DE JESUS (conclusão)
por *Ferreira de Andrada*

- A ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO MONTE E
S. GENS (Esboço monográfico)
por *Henrique Marques Júnior*

- ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»,
DURANTE O ANO DE 1945

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A TODOS OS SÓCIOS

OS ARTIGOS AQUI PUBLICADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES

China

OLISIPO

OLISIPO is a...
...
...
...
...



...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

...
...
...
...
...

Um olisiponense ilustre ⁽¹⁾

José Artur Leitão Bárcia

por MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Quando, na tarde de hoje — serôdiamente luminosa e abafada, como se estivéssemos ainda por alturas de Santa Maria de Agôsto — a escassa dezena dos «voluntários Esboetas» se juntou na sacristia do velho convento dos graciosos, congregada pela presença da urna, que continha os despojos de alguém que Deus chamara a Si, todos nós medimos bem quanta injustiça houvera na redacção apressada das notí- cias com que os jornais deram conta a Lisboa que Artur Bárcia dei- xara de ser.

Sem dúvida que tôdas as gazetas, na secção respectiva e em tom circunspecto e solene, noticiavam o passamento com tal ou qual relêvo, mas... Bárcia merecia mais, merecia, pelo menos, que se lhe desven- dasse o ségrêdo de tôda a vida para que Lisboa pudesse aperceber-se do grande bem que perdera.

Aquele coração, grande em demasia para tão minhano arcabou- ço, crescera sempre a amar Lisboa e acabara por estoirar de mágoa por não poder levá-la dentro de si para o outro mundo.

José Artur Leitão Bárcia era o maior apaixonado que a capital tinha; tôda a vida, sem um segundo de desfalecimento, a amou no pi-

(1) A circunstância de a morte de José Artur Bárcia ter ocorrido quando já composto e impresso o anterior número de «Olisipo» não permitiu que outra homenagem se lhe prestasse, que não a publicação de seu retrato com as breves, mas sentidas palavras que à sua memória entedemos consagrar.

A dívida, porém, não ficou saldada e na mira de alargar um pouco mais a homenagem do Grupo «Amigos de Lisboa» arquivamos nestas páginas a curta mas formosíssima crónica, publicada por Mário de Sampaio Ribeiro, no «Aléo», n.º 5, de 13 de Outubro de 1945.

toresco de seus beirais e balcões floridos, no ar solarengo e pesadão de suas casas nobres, na majestade imperial com que se reclina, dolente e sensual, sobranceiramente ao Tejo, no ar gaiato e ladino por que trepa coleando, por congostas e betesgas, até a velha alcáçova mourisca...

Foi pena que não nos houvesse deixado as suas memórias, desde que, ainda péqueno — na Rua de S. Pedro, salvo êrro — ouvia com enlêvo os garganteados «peripatéticos» do Gaspar da Viola, até, pelo menos, ao fim de sua intimidade com o 2.º Visconde de Castilho, passando pela estreia em S. Carlos (no côro dos garotos da «Carmen»), ao lado da Patti, pelo aprendizado no Conservatório, pela longa permanência na orquestra (como rabeca) do nosso «Lírico», etc.

Em compensação, deixa uma preciosa colecção de chapas fotográficas com vistas de Lisboa, desde 1895 (salvo êrro), cujas provas se vendiam, noutros tempos, defronte do Grandela, em uma loja que hoje explora o ramo de antiguidades.

Artur Bárcia era destas pessoas naturalmente dotadas de rara habilidade de mãos de modo que para tudo tinha jeito e tudo fazia bem, desde desenho (foi desenhador das Obras Públicas, cargo de que estava aposentado), até restauros de quadros, etc.

Nunca deixou de usar gravata à *La Vallière* e um chapéu mole, prêto, de largas abas — talvez único em Lisboa — a que, nos últimos tempos, uma das nossas meninas vitaminadas (que por aí andavam a equilibrar na testa uma fôrma de pudim posta às avessas) chamou «porta-aviões», talvez por que relacionasse a grande envergadura do chapéu com a estatura menos que meã do portador, o qual, se bem que doente e fatigado, foi o primeiro a reproduzir, com a bonhomia habitual, a chalaça da mocinha...

Ninguém recolheu melhor a catequese de Júlio de Castilho; ninguém viveu mais impregnado da atmosfera que rodeava o Mestre olisipógrafo, nem foi mais fiel à sua memória. Foi ao ponto de se ter feito fotografar à beira do coval em que repousam os restos do seu amigo!

Castilho e Lisboa eram as suas grandes afeições, que viviam irmanadas no mais recôndito do seu ser. Quando falava de qualquer

dêles, transfigurava-se; parecia crescer; o olhar incendiava-se. Ihe e todo êle vibrava em seu affecto, como cavaleiro andante ou bardo romântico ao evocarem sua dona.

Artur Bárcia tinha alma de poeta — um poeta que nunca fez versos, mas levou a vida inteira a arrulhar endechas amorosas à Lisboa de seus sonhos.

Bárcia albergava em si um grande artista, mas um artista que não logrou dar forma à obra que idealizara por viver deslumbrado pela própria magia de seu encantamento.

Bárcia teria sido o maior e o melhor cantor das belezas de Lisboa se tivesse podido passar ao papel tudo quanto lhe borbilhava na mente em horas de arroubos namorados...

Foi hoje a enterrar no Alto de S. João quasi em segredo e Lisboa — a deusa de seus amores — não deu pela perda de seu incorrigível apaixonado...

Não há dúvida de que houve basta injustiça — se bem que involuntária — na maneira indifferente e sêca por que a imprensa registou a sua morte.

Que estas linhas, simples e desataviadas, possam atenuá-la um quasi nada!

Que a terra lhe seja leve!

Lisboa, 2 de Outubro de 1945.

Torneio Real de 1795

Pelo Eng. D. Francisco de Assis de Almeida de Mendia

Por ser de interêsse para os «Amigos de Lisboa», oferecemos aos leitores do «Olisipo», a cópia exacta, para conservar todo o seu sabor, da «Relação Histórica do Torneio Real de 1795».

É autor do folheto, José Sebastião de Saldanha de Oliveira e Daun, que era filho dos 1.º condes de Rio Maior e portanto irmão de D. Maria Constança que foi condessa da Ponte, de António de Saldanha Oliveira Juzarte e Sousa que foi 2.º conde de Rio Maior, de D. Mariana de Saldanha e Oliveira que casou com Luís Machado de Mendonça Eça Castro e Vasconcelos que foram pais do 2.º conde da Figueira, de D. Maria Inácia que foi condessa de Mesquitela, de D. Ana Isabel, que foi condessa da Baía, de D. Francisca de Paula que foi casada com D. Fernando de Almeida e portanto condessa de Oliveira dos Arcos, de D. Leonor Ernestina, Marquesa de Pombal por seu casamento, de João Carlos que foi marechal e duque de Saldanha, de D. Maria Joana que casou a 1.ª vez com Miguel Pais do Amanal Barbarino e a 2.ª com seu sobrinho D. Sancho Manuel de Vilhena e Saldanha, de Francisco de Paula que foi conde de Azinhaga e finalmente de Domingos de Saldanha Oliveira e Daun que foi do concelho de Sua Majestade Fidelíssima, cavaleiro da Tõne e Espada etc. e morreu sem geração.

A respeito de José Sebastião de Saldanha de Oliveira e Daun, diz o «Livro de Oiro da Nobresa»:

1.º Conde de Alpedrinha, em sua vida, Veador de Sereníssima Senhora Infanta D. Isabel Maria, Moço Fidalgo com exercício no Paço acrescentado a Fidalgo Escudeiro, Membro do Conselho Ultramarino, aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, com as honras de Conselheiro de Estado, licenciado em Direito por Coimbra, Coronel do Regimento de Milícias do Termo Oriental e antes fôra Capitão de Cavalaria do Exército e Ajudante de Ordens do Príncipe Regente Frederico, Duque de Sussex (filho do Rei Jorge III da Grã Bretanha) durante a sua residência em Portugal, por ocasião da Guerra Peninsular.

O Conde de Alpedrinha, nasceu a 10 de Abril de 1778 e faleceu a 12 de Novembro de 1855, tendo casado a 2 de Setembro de 1799 com sua prima co-inmã D. Maria Leonor Carolina da Conceição Manuel de Vilhena de Costa Freire Martins da Fonseca, senhora de Pancas etc.

Segue a transcrição do folheto:

RELAÇÃO HISTÓRICA
(RESUMIDA)

DAS

CAVALHADAS

OU

TORNEIO-REAL

QUE SE FEZ NA CORTE E CIDADE DE LISBOA

NO ANO DE 1795

POR

JOSÉ SEBASTIÃO DE SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

SENHOR DE PANCAS

HUM DOS 32 CAVALLEIROS

**Revirescimus
Gleng - II**

LISBOA

NA IMPRENSA LUSITANA

Calçada de Santa Ana. N.º 74, junto ao Campo

1842

INTRODUÇÃO

Sero, sed serio.
M. de Salisbury.

Não me consta, que exista nem impressa, nem manuscrita a descrição das Cavalhadas, que fazem o objecto dêste Folheto. Quis satisfazer à curiosidade de algumas Pessoas, e escrevi em poucos dias êste fragmento histórico no qual se hão de encontrar algumas inexactidões, ou omissões de que peço desculpa.

Os Torneios, estes exercícos de Guerra, e de galantaria, que faziam os antigos Cavaleiros para mostrarem sua dexteridade, e bravura, e que comprehendiam tôdas as qualidades de corridas, e combates militares; abrangendo também, e ligando entre si os Direitos do Amor, e do valor vieram dar uma grande importância à galantaria, a esta perpétua ilusão do Amor; mas renovados em Lisboa em 1795, vieram dar a maior importância aos sentimentos de Fidelidade, e de Nacionalismos da Nobreza de Portugal.

Sem questão fora os Alemães os Instituidores, ou antes os Restauradores dos Torneios no tempo de Henrique I.º chamado L'Oiseleur; os Franceses, e Ingêses disputaram-lhe a honra da instituição; mas os verdadeiros Instituidores foram os Gregos (segundo a Ilíada) nos Jogos celebrados por Achilles, junto ao túmulo de Patroelo: imitado pelos Troyanos (segundo Virgílio no Livro 5.º das Eneíades) nos Jogos que Eneas celebrou na Sicília no aniversário de Anchises; acrescentando Ascanio aos quatro Jogos da carreira naval, do pedestrianismo, do pugilismo, e da ejeaculação das setas o *EQUESTREM DECURSUM* ou Cavalhadas.

Nichart, Ducange, Honoré, La Curne, a Encyclopedica, o Panorama, e outros tratam largamente dos Torneios; mas obra Classica neste género, digna dos maiores elogios, e muito superior ás Extranjeiras he a do nosso compatriota Manoel Carlos de Andrade na sua *LUZ SOBRE A ARTE DA CAVALLARIA* porque ensina, explica e demonstra com rasões, com a pratica, e estampas não só os Divertimentos equestres das Cavalhadas, e Manejos do Picadeiro; mas também os interesses, e aperfeiçoamentos das Raças, e caudelarias (quasi extinctas) e da qual resultaria a Portugal tanto comodo, tanta riqueza, e tanta força.

Os Portuguezes sabem aonde, como, e quando as cousas cabem. Se na Guerra se tem feito tão famosos por suas conquistas, batalhas, façanhas, e Amor da Patria; na Paz não tem sido menos admirados em todas as Epochas pela sua

adheção á Religião de seus antepassados, pela Fidelidade aos seus Reis, pelo seu Patriotismo, esforços, e sacrificios a bem da Nação em geral, e athé pelo seu aferro, ainda agora, a alguns costumes, e divertimentos Nacionaes em que tão memoravel ficou este das Cavalhadas, que pelo seu motivo, pela sua sumptuosidade, direcção, riqueza, ordem, e magnificencia fez muita honra á Nobreza da Corte de Portugal a qual, teve, assim como deve ter sempre por timbre estas duas maximas. — JAMAIS ARRIERE. — MAINTIEN LE DROIT.

«Postquam Omnem loeti concessum, oculos que suorum
 «Lustravere in equis signum clamore paratis.
 «Epytides longe dedit insonuit que flagello:
 «Olli discurrere, pares, atque agmina terni
 «Deductis solvere choris; rursus quevocati
 «Convertere vias, infestaque tela tulere
 «Inde alios ineunt cursus, aliosque recursus
 «Adversis Spatiis salternosque orbibus orbes
 «Impediunt, pugnoeque cient simulacra sub armis.

Virg. C. 5. ver. 580.

«Famam extendere factis.
 Virg.

A Recordação dos acontecimentos extraordinarios, bem como dos ordinarios de qualquer Nação, sejam de que especie forem, pertencem á Historia, que os transmite á Posteridade, ou em geral, ou em detalhe ou com exactidão, ou sem ella segundo as Tradições familiares, ou os manuscriptos, e Publicações coevas daquella Epocha.

Ninguem ignora que a Historia he o Mundo escripto; e que ella ensina, instrue, diverte, e deve dirigir os homens, e os acontecimentos, os quaes, ou cedo, ou tarde são por ella processados condemnando-os, ou louvando-os com a mais inflexivel justiça, e rigorosa imparcialidade.

Parece-me já cançada a incansavel Historia com a recordação dos horrores, dos attentados, das revoluções, pestes, guerras, e loucuras de todo o genero, que tem assolado a Europa ha 50 annos, e em Portugal tem tido hum tão concideravel quinhão, porque o turbilhão da anarchia, e da Revolução Franceza, origem indisputavel de tantas calamidades, envolvendo o Universo, não admetto privilegio algum, sem exceptuar mesmo o Celestial Imperio da China; e os Povos mais remotos na Azia, Africa, e America.

Muito convem, algumas vezes dar treguas á imaginação — OPORTET ALI QUANDO INSANIRE — dizia o Orador Romano: Contrabalancemos as Recordações tristes, e tenebrosas com as alegres, e festivas, com aquellas, que somente excitão ideias de paz, de abundancia, de estabilidade, de segurança, justiça, ordem, e prosperidade.

Recordarei pois as Cavalhadas, o memoravel Torneio Real, que a Nobreza da Corte de Portugal fez em Lisboa no anno de 1795 para solemnizar, e festejar o Nascimento de Sua Alteza Real o Principe D. Antonio, presumptivo Herdeiro da Coroa, nascido em 21 de Março de 1795, Filho de Suas Magestades Fidelissimas EL REI Dom João 6.º (Ainda naquelle tempo Principe Regente de Portugal) e da Rainha Dona Carlota Joaquina de Bourbon,

Não era nova em Portugal esta especie de Festejo publico. O Senhor Dom João 1.º depois da Guerra com Castella convocou tanto os Grandes, e Nobreza do Reino, como estrangeiros para que em hum anno continuado se fizessem sempre Festas, e Torneios; e nelles forão armados muitos Cavalleiros; e querendo El Rei, que fossem armados dois Infantes seus filhos, e que mais se tinham distinguido: Elles respeitadamente recusarão esta Distinção, mostrando o seu grande desejo de serem armados Cavalleiros, não nos Torneios de Liça, mas sim no Campo da Batalha; e por esta occasião o persuadirão á empresa de Ceuta.

Por occasião do cazamento de El Rei D. Duarte com D. Leonor Irmã do Rei de Aragão D. Affonço houverão muitas Festas e Torneios. O cazamento do Principe D. João filho do Sñr D. João 2.º foi festejado na Cidade de Evora, onde então se achava a Corte, com grandes festas, e sumptuosissimos Torneios.

Nesse tempo estavam muito em voga os Torneios a que tambem chamavão Justas Reaes: he memoravel e chamada do Cavalleiro do Cirne em que El Rei desafiou a Justa, e veio com tanta riqueza, e galantaria, quanta no Mundo podia ser, segundo a expressão do Chronista, e acrescenta — Que em huma quinta feira El Rei depois de comer fez a sua mostra com seus 80 mantenedores; apoz elle todos os chamados aventureiros, que passavão de 50, aos quaes todos em cavallos, arnezes, paramentos, cimeiras, moços de esporas, e todas as mais cousas da Justa se ostentou a maior riqueza, dizendo os antigos Cavalleiros, nunca haverem visto pompa igual. No Domingo seguinte por noite se desfizerão as Justas e El Rei, a Rainha, e Principes forão para o Paço em triumpho: Os Juizes das Justas adjudicarão a El Rey ambos os preços, que erão hum rico anel para o mais galante, e hum Colar de ouro ao que melhor justasse; mas El Rey somente quiz para si a honra de os distribuir, dando o anel a hum Justador Valenciano, que se tinha distinguido, e o Colar de ouro a Diogo da Silveira.

Na saída d'Evora, e caminho de Santarem o Duque de Beja depois Rey de Portugal aprasivelmente surprehendeu a Familia Real com humas Justas im. provisadas.

Os Chronistas Garcia de Rezende, Rui de Pina, D. Antonio Caetano de Souza e outros se comprasem na minuciosa discrição destes festejos .

Segundo Francisco de Moraes Author do Palmeirim em Inglaterra forão muito celebrados os Torneios com que defronte dos Paços d'Enchobregas se festejarão os despozorios do Principe D. João Filho de ElRey D. João 3.º

E ainda no anno de 1627, a Nobreza da Provincia de Entre Douro, e Minho festejou em Braga a entrada do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha com hum famoso Torneio, o ultimo que em Portugal se fez em todo o rigor das Leis da Cavallaria, segundo os uzos da idade media, e nelles se distinguiram muito Antonio da Fraga Botelho, Paulo Vieira Cabral, Jeronimo da Cunha Soutto Maior, Fernão da Silva, Gabriel de Queiroga &c.

Mas parece-me, que já no Reinado do Senhor Dom Pedro 2.º (e mesmo no do Senhor D. Affonso 6.º) não estavam em moda, nem em uzo os Torneios, porque pelas occasiões do casamento da Senhora D. Catharina com Carlos 2.º Rey de Inglaterra, e do segundo casamento de ElRey com a Senhora D. Maria Sophia Isabel de Saboya houverão tão somente Touros Reaes, distinguindo-se muito nestas festas pela primeira occasião os Condes de Sarzedas, e da Torre; e pela segunda os Condes da Atalaia, e de Vila Flor D. Christovão Manoel de Vilhena.

Em 1795 em tão fausta, e solemne occasião agradou muito a ideia de hum festejo portuguez, e desusado, e que pelo seu custo, brilhantismo, e raridade excitasse a curiosidade, e admiração publica: e approvada a ideia lembrarão-se de hum Torneio Real, a que tambem chamárão Cavalhadas, que fazem o objecto desta resumida Relação historica, nas quaes eu entrei e fui hum dos 32 Cavalheiros.

A continuação da descendencia Real da Caza de Bragança Reinante, o nascimento de hum Principe foi o grande e ponderoso motivo deste extraordinario Festejo. A Monarchia Hereditaria, seja constitucional, seja absoluta he a melhor forma de Governo; assim o demonstrão os melhores publicistas, os veneraveis Professores de Direito Publico; assim o confirmárão os innovadores Francezes, arrependidos, e envergonhados dos attentados a que os arrastou a Anarchia, que bem caro lhes custou, porque quasi todos elles pagárão com a vida nos patibulos os seus crimes, as suas loucuras; assim o prova a Canonização politica, deste alicerce social estabelecido como Lei fundamental em toda a Europa,

tanto nas Monarchias absolutas, como nas constitucionaes, como nas dispoticas; e assim o proclamou Portugal em 1143, em 1640, em 1820, em 1826, 1833, e em 1842. Sessenta annos de sugeição a Hespanha forão huma lição mestra para a Nação Portugueza, sempre fiel á Familia Reinante, por Moralidade Religioza, por afinco á sua Independencia Nacional, e por força de entendimento, e bom senso prudencial.

Verificada a Successão ao Trono, que tardava, desenvolverão se ao mesmo tempo em todo o reino os transportes mais sinceros, mais leaes, e mais expressivos de hum enthusiasmo Nacional, nunca igualado, nem possivel de exceder se. Festas solemnissimas de acção de Graças em todas as Cathedraes, e Parrochias notaveis do Reino, TE DEUM, bodos, dotes, obras de Mizericordia, satisfizerão completamente o reconhecimento religioso da Nação. Abrio se o inexgotavel Cofre das Graças, e Mercês, exercendo se a prerogativa da Munificencia Real com Mão larga, e generosa sempre usada em nascimentos e baptizados dos nossos Principes, e Infantes. Construiu se em nove mezes o magnifico Theatro da Opera Italiana em obsequio a S. A. R. a princeza Regente D. Carlota, e por este motivo se ficou chamando Theatro de S. Carlos: forão verdadeiramente magnificos por toda a parte os festejos publicos: as illuminações das povoações de todo o Reino excederão quantas athé então se tinham feito, em gosto, profusão, e variedade, não só nos edificios municipaes, e do Estado, mas nos Palacios, nas Praças, nas Cazas, em geral. A Intendencia geral da Policia na Caza Pia, então no Catello, solemnizou por muitos dias tão fausto acontecimento com devotas, e pompozas acções de Graças, com TE DEUM, com casamentos de Orphãos, com bodos, e esmolas, com dispendiosos Fogos de arteficios, e sumptuosos Banquetes.

No espaço, que medeia entre a Estatua Equestre, e a Rua Augusta, e Rua do Ouro na Praça do Commercio se levantou huma bellissima, e espaçosa Praça de Touros e em dous dias successivos houverão corridas, ou combates dos mais bravos, e escolhidos Touros dos Campos de Villa Nova chamados da Rainha, picados pelos quatro Picadores da Caza Real, Roberto João Gamby, Ferrugento, Olau, e Santa Anna, com aquelle lusimento, grandeza, e Arte que faz realçar este divertimento Portuguez, que tem resistido, ao Philantropismo Cornigero dos seus antagonistas, e a que assestio o Principe Regente, e Familia Real.

A Nobreza da Corte por si mesma, e como Representante da Nobreza de todas as Provincias do Reino, e da Monarquia: A Nobreza pela antiga Constituição do Estado sanccionada em 1640 hum dos tres Braços do Estado; e actualmente pela Carta Constitucional e Camara dos Dignos Pares do Reino: e na Gram.Bertanha, e em toda a parte, a primeira Camara, ou a Camara Alta. A Nobreza (sem sophismas, sem partido e sem inveja) incontestavelmente o mais forte, e natural apoio do Throno, o mais inabalavel baluarte da Intendencia

Nacional, o maior amigo, o melhor conselheiro, o mais solido, e benficiente protector do Povo; a Nobreza finalmente por sua educação, por sua leal, e indispensavel adheção á Familia Real; por seu poder immenso e independencia alcançada no decurso de 7 Seculos; por serviços illustrissimos de toda a qualidade na Religião, nas Armas, nas Letras; por seus Morgados, Senhorios, e mais acções honrozadas, veneravelmente respeitadas pelos Povos; não podia deixar de mostrar nesta faustissima occasião o seu nobre enthusiasmo, no qual perfeitamente combinava com o das outras clases do Estado, que tão conspicuas se tinham desenvolvido.

«Por mais que da fortuna andem as rodas,
«Não vos hão de faltar gente famosa,
«Honra, Valor, e fama glorioza.

Cam. C. 10.

Lembrou-se de hum Torneio, ou Cavalhadas feito em publico com toda a possível magnificencia, em todo o rigor da nobre arte de Cavalgar, ou Picaria, e segundo os trages, os usos, e estilos antigos mais aproximados aos nossos tempos, e obtida a licença do Principe Regente procedeu á nomeação dos Cavalleiros; mas como os empregos, a idade, as molestias inhabilitavão muitos Nobres para huma função tão desusada, e tão violenta, encarregou-se o Marquez de Ponte de Lima, Mordomo Mór da Caza Real de fazer por Avizos as convenientes Nomeações.

Os Senhores de Caza forão os primeiros nomeados, porque representavam as familias: e achando-se nesse tempo meu Pay impossibilitado com Gota, e assim mesmo sempre activamente empregado na Inspecção Geral do Terreiro Publico, e no Gabinete de S. A. R., e nessa occasião gravemente enfermo meu Irmão primogenito, cahio sobre mim (ainda Solteiro) essa nomeação.

Foi encarregado da direcção Geral das Cavalhadas o Sargento Mor, e Mestre de Picaria Manoel Carlos de Andrade, assim como tambem dos ensaios geraes, que se fizerão na Tapada Real da Ajuda, exercitando-se separadamente os Cavalleiros nos Picadeiros de Belem, Quinta da Praia, Collegio dos Nobres, do Conde de Obidos, do Marquez de Abrantes, e do Marquez de Castello Melhor.

Assentou-se que fossem 32 os Cavalleiros, que formarião 4 Turmas, ou divizões, a que chamarão FIOS, que cada FIO se formaria de 8 Cavalleiros; e destes hum seria o Guia, e outro o contra_Guia; que o vestuario seria o rigoroso antigo á picadora; que cada Fio teria huma differente cor; que as 4 cores serião Verde, Escarlata, Azul ferreta, e Amarello; que os Fios Verde e Azul serião agaloados de ouro; e de prata o Escarlata e Amarello, que os Guias, e

Contra_guias fossem nomeados pelo Marquez Mordomo Mor; e que as cores dos Fios, e os 6 Cavalleiros correspondentes a cada Fio fossem sorteados; que os arreios, jaezes, e enfeites dos cavallos fossem á antiga, e rigorosa moda portugueza; que cada Cavalleiro montaria hum cavallo de manejo para a Entrada, e para o CARROUSSEL acompanhado de mais tres Corseis, ou rocins destinados para as escaramuças, e differentemente arreitados; que cada Cavalleiro seria seguido de 6 Criados de Libré ricamente fardados segundo os estilos das suas Cazas, 3 para levarem na mão, ou braço, huma lança, outro o escudo com timbre das suas armas, o terceiro o teliz, e os outros 3 para cada hum levar á mão os tres rocins, o que multiplicado por 32 dava hum total de 128 cavallos, e 224 criados de libré; que cada Fio seria precedido de uma Banda de musica militar a cavallo de 20 Musicos fardados com as correspondentes cores de cada Fio, vindo a fazer o numero de 80 musicos a cavallo, e que as carruagens dos Cavalleiros em grande Fiochi com os seus Moços da estribeira, ou ferradores seguirião a Cavalgada nos dias das Cavalhadas.

Determinou-se finalmente, que a Praça, e os camarotes fossem ricamente armados; que as 4 Bandas de Musica Militar se collocarião na Praça em Coretos para tocar durante o Torneio; E que para evitar tumultos, empenhos, e descontentamentos, e depois de huma acalorada discussão, se estabeleceo o preço de 1:200 rs. para os lugares das Trincheiras, e de 6:400 rs. para os Camarotes, destinando-se este rendimento para a Caza Pia, ou para o Hospital Real da S. José.

Huma função tão Solemne, tão desusada, e tão dispendiosa não podia ser lembrada, determinada, e posta em execução sem o intervallo da tempo ao menos indispensavel para os ensaios, e para a mão d'Obra dos fardamentos, arreios, e tudo que dizia respeito a hum tão magnifico e despendioso Torneio, com o qual muito ganhãrão os mercadores, e artistas Nacionaes, que sem a concorrência de Estrangeiros dezempenhãrão cabalmente os seus artefactos, bem como já tinha acontecido nas Reaes, e esplendidas Festas da Inauguração da Estatua Equestre no Reinado do Sr. D. José 1.º em 1755.

E com tanta actividade, boa vontade, e intelligencia se apromptaram os Cavalleiros, que S. A. R. o Principe Regente Ordenou que os dias 2 e 11 de Novembro fossem os dias destinados para as Cavalhadas; o tempo estava sereno, e seguro; era o Veranico chamado S. Martinho.

No dia 2 de Novembro ao meio dia partiram os 32 Cavalleiros nas suas carruagens para o passeio publico, onde se reuniram, assim como as suas equipagens e trens; na Rua larga do centro montaram a cavallo, reunindo-se separadamente os Cavalleiros aos seus respectivos Fios formando em linha ao som das 4 Bandas de musica; a hum signal convencionado meterão em columna, e des.

filarão para a Praça das Cavalhadas, (onde o Príncipe Regente com a Família Real deveria chegar ás 2 horas da tarde) marchando a passo na Ordem seguinte

«Dos Cavallos o astrepito parece,»
 «Que faz, que o chão debaixo todo treme;»
 «O coração no peito, que estremece,»
 «De quem os olha se alvorça, e teme.»

Cam. C. 6.

Hum lusido esquadrão de Cavallaria precedia os Cavalleiros, e depois de hum intervallo regular rompia a marcha a Banda militar de 20 musicos a cavallo do primeiro Fio, formado dos seus 8 Cavalleiros a saber

FIO VERDE

GUIA.

Duque do Cadaval.

CONTRA-GUIA.

Conde de Aveiras ⁽¹⁾ — Nuno.

CAVALLEIROS.

Marquez de Abrantes.

Marquez de Lavradio.

Conde de Sampayo ⁽²⁾ — Manoel.

D. Vasco da Camara ⁽³⁾.

Conde de Caparica ⁽⁴⁾.

José Telles da Silva.

Marcharão os Cavalleiros a 2 de fundo, o Guia na frente, o Contra Guia na retaguarda, e ao lado de cada hum dos Cavalleiros marcharão da parte de fora, e em linha tres criados de libré respectiva a cada hum, levando hum a lança, outro o escudo, o terceiro o teliz.

Atraz do Contra_Guia de cada Fio seguirão se os 24 Cavallos, Rocins para mudar, pertencentes aos 8 Cavalleiros do mesmo Fio, tres para cada Cavalleiro, e levados á mão pelo cabristilho pelos outros tres criados de cada hum.

(1) Depois — Marquez de Vagos.

(2) Depois — Marquez de Sampayo.

(3) Depois — Marquez de Belmonte.

(4) Depois — Marquez de Valada.

Esta ordem de marcha do Fio Verde foi seguida em tudo pelos seguintes tres Fios, com as suas distancias necessarias para a boa ordem, e brilhante desenvolvimento da Cavalgada.

FIO ESCARLATE

GUIA.

Marquez de Alorna.

CONTRA-GUIA.

Marquez de Angeja — D. Pedro.

CAVALLEIROS.

Correio Mór do Reino ⁽⁵⁾.

Marquez das Minas.

Visconde de Asseca — Salvador.

Marquez de Ponte de Lima — D. Thomaz.

Conde da Ega ⁽⁶⁾ — Ayres.

José Sebastião de Saldanha Oliveira e Daun.

FIO AZUL FERRETE

GUIA.

Conde de Obidos.

CONTRA-GUIA.

Marquez de Niza — D. Domingos.

CAVALLEIROS.

Marquez de Penalva.

Conde de S. Lourenço ⁽⁷⁾ — José.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello.

Visconde de Barbacena ⁽⁸⁾.

Francisco de Mello ⁽⁹⁾.

Conde de S. Miguel.

⁽⁵⁾ Depois — Conde de Penafiel.

⁽⁶⁾ Por falecimento da Condeça da Ega a 3 de Novembro do mesmo anno foi substituido por seu Irmão Joaquim de Saldanha e Albuquerque.

⁽⁷⁾ Depois — Marquez de Sabugoza.

⁽⁸⁾ Depois — Conde de Barbacena.

⁽⁹⁾ Depois — Conde de Ficalho.

FIO AMARELO

GUIA.

Marquez de Tancos — D. Antonio.

CONTRA-GUIA.

Marquez de Marialva — D. Pedro.

CAVALLEIROS.

Conde de Valadares ⁽¹⁰⁾ — D. Alvaro,

Marquez de Tancos — D. Duarte.

Conde de Sabugal.

D. Fernando de Lima.

D. Gregório Ferreira d'Éça ⁽¹¹⁾.

D. Pedro Manoel de Menezes.

Seguia-se hum Corpo de Cavallaria, e atraz d'elle seguião-se as 32 Car. ruagens dos Cavalleiros puchadas por 4 Cavallos, ou machos em grande galla com seus moços de estribeira, ou ferradores ao lado, e a cavallo, e que fecho vão a marcha da Cavalgada a qual se dirige á Praça do Comercio, atravessando diagonalmente o Rocio, hoje Praça de D. Pedro e a rua Augusta por entre Allas, e hum immenso concurso de Povo apinhado nas ruas, e nas janellas aplaudindo, e dando insesantes Vivas aos Cavalleiros.

Desde o mesio dia occupavão as trincheiras muitos milhares de Pessoas de todas as Classes do Estado, e mesmo das mais respeitaveis da Corte, assim como das Províncias, e Terras mais notaveis. Nos Camarotes brilhavão Senhoras, quantas nelles podião caber, elegantemente vestidas de grande galla com diamantes, e plumas.

«Vestem-se ellas de Cores e de Sedas»

«De ouro, e de joias mil ricas, e ladas.»

Cam.

O Conselho d'Estado, o Ministerio, o Corpo Diplomatico; as primeiras Authoridades Civis, e militares da Corte, occupavão os bem armados camarotes para elles previamante destinados.

⁽¹⁰⁾ Depois — Marquez de Torres Novas.

⁽¹¹⁾ Depois — Conde de Cavalleiros.

As duas horas da tarde em ponto S. A. R. com a Princesa Regente, toda a familia Real acompanhados das Damas, Camaristas, Vidores, e Officiaes Móreres da Caza, entrou na Tribuna Real, rompendo então, e com o maior enthusiasmo os mais sinceros, e respeitosos vivas a S. R. R.; e obtida do mesmo Augusto Senhor a licença (que hum dos Cavalleiros foi pedir) para começar o Torneio se abrirão as portas da Praça em frente da Tribuna.

«Mastigão os Cavallos escumando
 «Os Aureos freios com ferós sembrante;
 «Estava o Sol nas Armas rutilando
 «Como em christal, ou rigido diamante,

Cam,

Entrarão logo os 4 Fios dos 32 Cavalleiros tirando os chapéos, com as suas respectivas Bandas de musica, e equipagens de cavallos, e criados (menos as Guardas de Cavallaria, e as Carruagens) na mesma ordem, e formatura em que tinham sahido do Passeio Publico, e desfilando a passo por baixo da Tribuna encuarão a Praça.

Tendo os Cavalleiros recebido as lanças de seus respectivos criados entrarão logo na Praça; e em frente das tribunas se formarão em linha, alternando-se os Cavalleiros dos 4 Fios; e esta variada alternativa de cores; a presença, e garbo militar dos 32 Cavalleiros, vestidos á antiga, com seus cocares, ou plumas tambem de diversas cores, e com riquissimas prezilhas de diamantes, montados nos mais bonitos, e soberbos cavallos de manejo, cobertos de veludo, ouro, e prata, e alguns de diamantes, apresentou hum espectáculo, que excitou o Principe Regente, e Familia Real hum vivo aplauso, que foi seguido, e continuado por todos os espectadores.

Os Cavalleiros avançarão assim em linha parando tres vezes, e brandindo as lanças em frente da Tribuna, e concluida esta Continencia Real se devedirão sobre a marcha em dois corpos iguaes, que pela direita, e pela esquerda da Praça retomarão a sua primeira posição.

«Já dão signal, e o som da tuba impelle
 «Os bellicosos animos, que inflama:
 «Picão da esporas, largão redeas logo,
 «Abaixo lanças, fere a terra fogo.

Cam,

Immediatamente se reunirão sobre si os 8 Cavalleiros de cada Fio; o Guia na frente, apoz elle o Contra-Guia seguidos dos outros 6 Cavalleiros por filas, e

sahindo a passo occuparão os 4 angulos da Praça; levantando depois ao Galope fizerão a escaramuça correspondente rodando nos Circulos, cortando terreno, e cristando as lanças, quando passavão ao lado dos seus contendores; e logo fazendo Halt; e tomando posição, formados em batalha, sahio a passo o Guia do Fio Verde, e parando a poucos passos em frente do Fio, que lhe estava oposto, fez o sinal de dezafio, brandindo a lança, e voltando ao galope foi perseguido pelo Guia do Fio oposto, que na carreira lhe jogou huma lançada, aparando-a, e defendendo-se com a sua lança, e por este modo se seguirão os outros Cavalleiros, repetindo-se este combate duas vezes por cada Fio: acabado o qual se retirarão ao galope, e fazendo circulos, cortando o terreno sahirão da Praça.

E entregando as lanças aos seus Pagens, mudarão todos de Cavallo, e sem demora se apresentarão na Praça com os seus Escudos no braço esquerdo, e reunidos aos seus Fios fizerão ao galope huma diferente escaramuça mais difficil, e complicada, que a primeira, e tomando nova posição nos 4 angulos principiarão o combate das Alcancias, que consistio em atirar, na carreira ao inimigo, bollas oucas de barro pintadas, defendendo-se com o Escudo o Cavalleiro, que era atacado; seguindo-se os Cavalleiros huns aos outros na forma do combate das lanças, e tambem por duas vezes cada Fio, huma para acometer, outra para defender, causando ao Publico tanto prazer, e divertimento este segundo combate, como tinha causado susto o primeiro; e concluido elle os Cavalleiros ao galope fizerão nova escaramuça, e se retirarão.

As 4 bandas de musica tocavão sempre, e alternadamente nos 4 lugares da Praça em que estavam colocadas. Sguio-se logo:

O CARROUSSEL

«Cunti adsunt, meritoe que expectant proemia palmoe,
«Ore favete omnes, et cingite tempora ramis.

Virg.

No curto espaço de tempo necessario para se fazerem os arranjos para esta muito divertida, e scientifica parte do Torneio descançarão os Cavalleiros. Entre tanto no angulo direito da Praça se collocou hum Pagem tendo na mão huma lança chamada de roca, por que o cabo tem o feitio de huma roca com prida acabando em ponta de ferro muito aguda. No meio do lado direito da Praça estava dependurada huma argolinha ligeiramente sustida por huma cadeia inclinada para o centro, segura a huma comprida escapula de madeira arqueada em cima, e pregada á teia da trinxeira. Do lado esquerdo da Praça no meio, e paralelo á argolinha estava hum quadrado de madeira pintado com a cabeça

de Medusa em relevo em hum elevado poste pregado na teia do mesmo lado esquerdo; e defronte huma cabeça de papelão sobre hum pedestal de 5 palmos de altura; e sobre outro pedestal quasi raso, e quasi no fim desse mesmo lado esquerdo estava outra cabeça de papelão, e em cada angulo da praça hum criado, ou Pagem.

Os Cavalleiros tendo mudado de cavallo, montarão no da entrada, e continencia Real, que era o mais formoso, o mais bem ensinado, e o mais ricamente ajazado, e se formarão em linha nos seus respectivos Fios, e logo o Guia do Fio Verde sahindo a passo levantou de galope para a direita terra a terra; e chegando ao angulo do lado direito da Tribuna Real, e recebendo do Pagem a lança de roca, deo ao galope duas voltas em circulo com a garupa ao centro, ou ao plão, e endireitando-se com a argolinha procurou, no repelão, ou corrida, a toda a brida, espetar a argolinha, e levala na ponta da lança, e com ella, ou sem ella, chegando ao angulo no fim do mesmo lado, e fronteiro áquelle d'onde sahio tornou a por o cavallo na volta de garupa ao centro. E logo passando o cavallo de mão, e atravessando a Praça diagonalmente se dirigio ao angulo esquerdo, tornando a passar de mão da esquerda para a direita, e ao galope com a garupa ao centro, recebendo do Pagem o dardo fez a pontaria á cabeça de Medusa atirando-lhe o mesmo dardo, que devia ficar cravado nella; chegando ao fim do mesmo lado, e sobre o galope terra a terra, e garupa dentro, tirando a pistolla do coldre, e engatilhando-a a disparou, no repelão, contra a cabeça que estava sobre o pedestal, e na qual devia acertar; e chegando ao angulo direito do mesmo lado, metendo a pistolla no coldre, sempre ao galope, e desembainhando a espada, e em huma comprida carreira, inclinando-se todo sobre o lado direito procurou espetar com a ponta da espada a cabeça de papelão colocada no pedestal quasi rente ao chão; e dando duas voltas em circulo se retirou a passo a tomar o seu lugar na linha.

A este se seguirão os outros Cavalleiros faendo todos o mesmo; e tão bem ensaiados estavam, que ao mesmo tempo se vião trabalhando nos angulos da Praça 4 Cavalleiros executando as diferentes Operações do CARROUSSEL, desenvolvendo todos muita arte, e galhardia; sendo huns mais felizes que outros; não occorrendo desgraca alguma; sendo esta parte das Cavalhadas a que excitou o maior prazer, admiração, e o mais excessivo plauso.

Terminando o CARROUSSEL, e desempedida a Praça os Cavalleiros mudarão de cavallo, e no terceiro Rocin se apresentarão nas suas posições, fazendo huma nova escaramuça, ao galope para o combate das CANAS, pelo mesmo modo do combate das ALCANCIAS. O agressor atirava huma cana enramada ao seu contrario, e este na carreira procurava rebatella com a espada; o que foi repetido duas vezes por todos os 4 Fios.

A esta escaramuça seguirão-se as JUSTAS, ou combate de Espadas ao galope; acabado o qual os contendores punhão as espadas em cruz correndo até debaixo da Tribuna Real, donde desfilavão a passo hum para a direita, outro para a esquerda, e chegando á porta da Praça se apeavam, e montavão no cavallo da entrada.

Como as tardes de Novembro são pequenas, não houve tempo para se fazer a corrida dos Pombos, nem o Jogo do Estafermo.

A Continencia final poz termo ás CAVALHADAS: os cavalleiros postados em Linha e Fios alternados ao som de huma marcha tocada pelas 4 Bandas de muzica juntas avançarão a passo, e em linha: e no centro da Praça fizeram Halt; e a hum tempo se descobrirão tirando os chapeos fazendo huma respeitosa cortezia ao Principe Regente, que a recebeu de pé com muito especial Agrado, tirando o seu chapeo, aplaudindo muito os Cavalleiros, e a estes Rôaes aplausos se seguirão os de todos os expectadores; retirando-se logo o Principe, e a Familia Real, derigindo-se ao Real Theatro de S. Carlos: permetindo S. A. R. que os Cavalleiros, que tinham a honra de ser Camaristas, Viadores, e Officiaes Móreres da Caza, podessem nessa noute estar, na Tribuna Real vestidos como tinham feito as cavalhadas.

A cidade illuminou-se expontaneamente em obzequio á Nobreza que foi ao Theatro, e por toda a parte recebeu repetidos, e estrondozos aplausos.

No dia 11 de Novembro repetio-se a mesma funcção das Cavalhadas, fazendo-se exactamente tudo como no dia 2, com a unica differença, de que se fez tudo ainda melhor do que no primeiro dia, como era natural, que assim acontecesse: E como nessa noite o Principe Regente e a Familia Real não forão ao Theatro, o Marquez de Abrantes deu no seu Palacio a Santos o Velho hum brilhante Baile, e sumptuosa ceia a toda a Corte, e Corpo Diplomatico, a que assés tirão todos os Cavalleiros vestidos tambem como tinham de tarde feito as Cavalhadas.

F I M

A igreja de Nossa Senhora de Jesus

por FERREIRA DE ANDRADE

(Conclusão)

São estas, certamente, quatro das capelas referidas no número que Carvalho da Costa apontou. Falta, todavia, mencionar a quinta.

Numa inscrição que está aposta no referido corredor da sacristia, na parede da escada que nos conduz às tribunas do altar mor e à capela do Noviciado, perto da porta — aberta em Janeiro de 1839 — que dá acesso à rua da Academia das Ciências (antiga rua do Arco), lêem-se as seguintes palavras que indicam a existência, no local, de uma outra capela:

ESTA CAPELLA HE DO PADRE GEORGE
DE FRANÇA DE BARBVDA O QUAL
A COMPROU E DOTOV COM SINQUO MIL RS
DE FABRICA E TRES ANNAIS DE MISSAS
COMO CONSTA DO SEV TESTAMENTO
E ESCRITURA QUE ESTA NAS NOTAS
DO TABALIÃO MANOEL DO VALE
FALECEO A 14 DE JVLHO DA ERA DE 1673

— Não seria esta a tal quinta capela?

★

A Capela do Senhor Jesus das Misericórdias, escolhida pelo grande Ministro de D. Afonso VI para jazigo da Casa Sousa Macedo, fica, como dissemos, adjacente à Capela mor, do lado da Epístola.

É bastante ampla e grandiosa no seu arranjo architectónico. Está quasi toda revestida — paredes e teto em abóbada de berço — com preciosísimos azulejos policromos, onde realçam máximas e versos do pensador e poeta que foi António de Sousa Macedo — palavras que nos evocam o seu espírito de homem de letras e lembram, a quem as ler, a brevidade da vida e a certeza da morte.

Junto do cunhal superior das portas que se abrem nos topos da capela

assentam duas pedras brazonadas — as armas dos Macedos — e sôbre elas os quatro primeiros e os quatro últimos versos do poema *Ulyssipo*.

Na porta que deita para o altar de S. José:

Quanto melhor fizera se advertira;
Que a vida vai morrendo no que dura;
Ah! Peito humano de cobiça enfermo!
A quem pequena cova he largo termo.

Sôbre a porta fronteira:

Trabalha o homem e anhelante aspira
A glória que o desejo lhe afigura,
Sendo o iogo pueril que enquanto gira
Vai cavando a si mesmo a sepultura.

Nas paredes onde estão os quatro primeiros versos vêem-se mais duas inscrições.

Ao lado direito da porta:

PARA GLO
RIA E HON
RA DE DEOS
NO ANNO
DE 1653

À esquerda, junto a uma pequena pia de água benta:

JAZEM TAMBEM NESTA CAPELLA
SEUS PAYS GONÇALO DE SOUSA
DE MACEDO FIDALGO DA CASA
DELREY, IVIZ DA COROA E FAZEN.
DA REAL E COMTADOR MOR DES.
TE REYNO, E DONA MARGARI,
DA MOREIRA SVA MVLHER
PEDEM TODOS HUM PATER
NOSTER POR SVAS ALMAS

Na parede do lado da capela mor (onde está encostado um enorme arca-
che com uma intaressantíssima imagem de Santo António vinda do Convento de
Santo António dos Capuchos) lêem-se estas máximas do poeta:

STEMATA QUID TABULAE Q 3 VALENT, QUID CE REVS ORDO
 AE NEVS ILLUSA FALLIUR ARTE E LABOR.
 CVANTATRAHVNT FATO SUPER INCVMBENIE RVINAM
 VNICA VIRTUTIS GLORIA MORTE CARET

LYSIA ME GENVIT : NORVNT REGNA EXTERA LIBRI
 CONDECORANT: CELEBRANT MVIVIA PRIMA TOCA
 PEBS E OLVIT, REGV FAVIT MIHI GRATIA TANTVM
 DE PVLCHRA SVPEREST HOC MIHI SORTE FVI

DVM VIVIS, MORTEM MEDITARE, ET TENNE CADVCA:
 AC BENE DIVITIAS DISCE LOGARE TVAS
 QUAS DEDERIS MUNDO FVGIENTE RELINQUES
 QVAS DEDERIS TEMPLIS, SEMPER HABEBIS OPES

Ao meio da parede que deita para os claustros do extinto convento (hoje Faculdade de Letras) ergue-se, isolado por um pequeno gradeamento, o altar do Senhor Jesus das Misericórdias, onde, além da imagem do Patrão, estão colocadas as de São Marçal, de Nosso Senhor Ressuscitado e uma lindíssima escultura primorosamente estofada de Nossa Senhora cujo orago se ignora. Ao alto, numa pequena lápida aposta num dos prumos do altar, lê-se a seguinte inscrição:

FOI MANDADA RESTAURAR ESTA CAPELLA
 AO SENHOR JESUS DE TODAS AS MISERICORDIAS
 POR UM DEVOTO E UMA DEVOTA
 NO ANO DE 1864

Ao lado direito do altar está colocado o túmulo, em mármore branco e preto, assenta sobre dois leões de pedra, onde repousam os ossos do instituidor da capela e de sua mulher ⁽¹⁴⁴⁾.

Reza a inscrição que está esculpida a tóda a largura do sarcófago:

HIC
 DIGNITATUM SPLENDOREM DE POSVIT, LABORVM LVGEM REPONIT
 ANTONIO DE SOUSA MACEDO
 QVEM MORTALITATIS ELEGIT OCASVM
 IMMORTALITATIS EXPECTAT ORIENTEM
 DONEC VENIAT IMMUTATIS SVA
 VNA CUMCONIVGE CLARISSIMA D. MARIANNA LEMERCIER
 REQVIEVIT

⁽¹⁴⁴⁾ Dos registos de óbitos da freguesia das Mercês não constam os assentos das mortes de D. António de Sousa Macedo e de sua mulher o que prova que não faleceram no Palácio do Poço Novo.

ILLE I DIE Q AN 1682 ILLA 4 DIE DZ AN 1682
FRATES
ORATE PRO EIS S. VVLTIS ALIOS ORARE PRO VOBIS ⁽¹⁴⁵⁾

Na parede do corredor da Sacristia estão as seguintes inscrições:

(Lado direito):

ANTONIO DE SOUSA MACEDO
RELIQUIA DICANTAL I J

(Lado esquerdo):

TRATANDO DA MORTE NO ME=
LHOR TEMPO DA SUA VIDA
FUNDOU, ORNOV E DOTOV ES=
TA CAPELLA PARA SI E SVA
MVLHER DONA MARIANA
LEMERCIER E SEVS DES=
CENDENTES COM TRINTA
MIL REIS DE RENDA CADA
ANNO PARA HVA MISSA QVO=
TIDIANA PERPETUA E HV
OFFICIO DE NOVE LICOIS NO
OITAVARIO DOS DEFUNTOS
E MAIS SEIS MIL REIS DE
RENDA PARA A FABRICA
E COM OVTRA RENDA PA=
RA MERCIEIROS

No teto, como dissemos totalmente revestido com azulejos policromos seiscentistas, há quatro alegorias tendo cada uma delas escrita uma frase:

FOLIVM QUOD VENTO RAPITUR

⁽¹⁴⁵⁾ Tradução: Aqui depôs o esplendor das honras e deixou a vida dos trabalhos, António de Sousa Macedo. Chamado pelo termo da sua vida mortal, aguarda a aurora da imortalidade, até que chegue a sua existência imutável; juntamente com sua muito ilustre mulher D. Mariana Le Mercier. Faleceu êle no 1.º de Novembro de 1682; eia a 4 de Dezembro do mesmo ano. Irmãos, orai por êles se quereis que os outros orem por vós.

QUID ERIT IN PATRIA

—

QVASI FLOS EGREDITVR ET CONTERICTUR

—

VAPOR AD MODICVM PARIENS

—



Existem nesta capela, em sepulturas rasas, as ossadas de alguns membros da família de Sousa Macedo. Sabemos, pelo menos, ter sido nela sepultada D. Catarina Maria de Távora, baronesa da Ilha Grande, filha de Manuel Ferreira de Eça e mulher do Barão António de Sousa Macedo. Faleceu esta senhora em 31 de Dezembro de 1729 (149).



Pela lápida que se transcreveu verifica-se ter esta capela sido fundada, ornada e dotada pelo polígrafo António de Sousa Macedo; não se sabe, porém, se o próprio túmulo foi mandado executar pelo fundador.

É absolutamente de estranhar que os cronistas que descrevem a Igreja de Nossa Senhora de Jesus (embora sucintamente, excluindo o autor anónimo do códice n.º 145 da Biblioteca Nacional) nos não falem da existência desta capela e, muito menos, no nome do seu instituidor. A razão desconhecêmo-la. Que a capela, todavia, data, tal como hoje se encontra, da segunda metade do século XVII é ponto, cremos, que irrefutável.



A casa que fica do lado do Evangelho da capela mor apresenta, quanto a nós, uma incógnita. Não possui altar algum à vista (e dizemos à vista pelo facto de uma das paredes estar totalmente coberta por um armário). Sendo assim qual o destino que teve depois da sua construção?

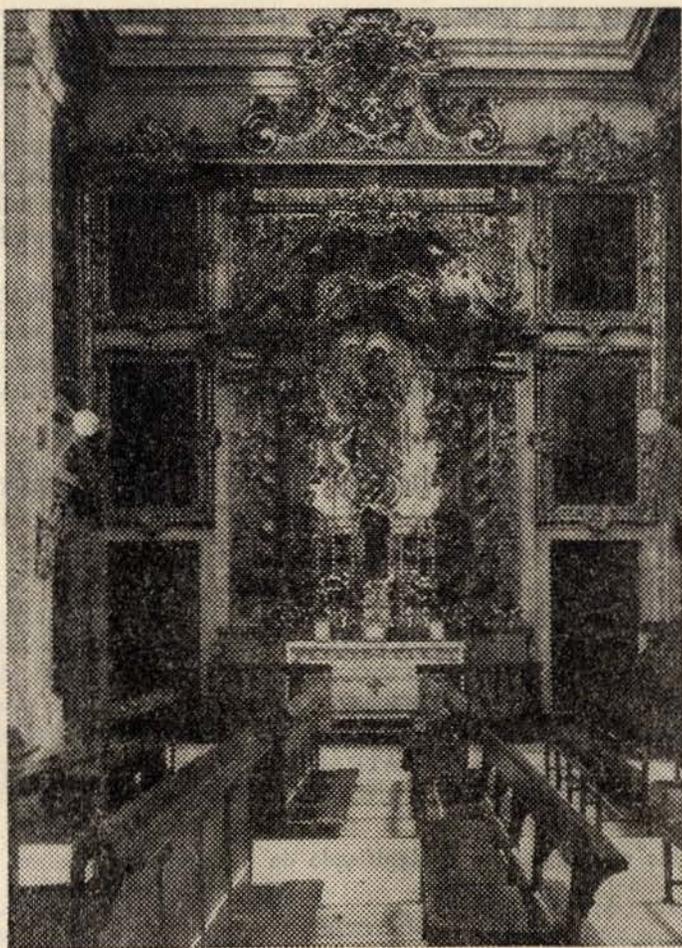
— ¿Seria escolhida, como a dos Sousas Macedos, para capela particular?

— ¿Foi decorada por algum devoto para determinado fim?

Tudo pontos de interrogação, e impossíveis de responder dada a carência de informações.

— ¿Existirá oculta pelo tal armário (imcompreensivelmente existente na

(149) *Gazeta de Lisboa* de 5 de Janeiro de 1730. No respectivo livro de Obitos (freguesia das Mercês) não encontramos o *usento* referente ao acontecimento pelo que duvidamos ter falecido D. Catarina no Palácio dos Macedos.



Altar de S. José, no cruzeiro da igreja

(Foto Eduardo Portugal)

quele local, cortando por completo a visibilidade dos preciosos azulejos que ornaram as paredes e o tecto alguma inscrição (ou mesmo altar) esclarecedora das dúvidas que ao nosso cérebro se apresentam?

No entanto, uma hipótese aqui fica: não teria sido esta a capela de Santo António onde sabemos terem estado colocados os dois quadros que depois foram para o côro?

Um roda-pé alto, de azulejo, orna as quatro paredes da casa; o tecto, em abóbada de berço, é totalmente revestido do mesmo material. Todos os azulejos são admiráveis de composição, tratados a tinta azul, e constituem belíssimos espécimes desta importante indústria portuguesa — revestimentos parietais hoje, infelizmente, tão desprezados e maltratados entre nós.

A composição dos desenhos, divididos em vários painéis, apresenta alguns passos da vida de Nossa Senhora. Em cada um deles lêem-se frases explicativas da alegoria. No painel central, oitavado, onde nos aparece a figura de Nossa Senhora, estão os seguintes dizeres (a primeira frase é escrita numa fita que dois anjos seguram):

NEC PRIMAM SIMILEM VISA EST NEC HABERE SEQVENTEM
VIDEMVS NVNC PVSPECVLAM TVNVC AVTEM FACIE AD JACTEM

Em alguns outros painéis lê-se:

HOC LVMINE VIVO
—
SEMPER PLENA
—
LATRABIS
SED NON MORDEDIS

legendas estas que exprimem o significado da composição,

Sacristia

Basados em documentos ⁽¹⁴⁷⁾ podemos afirmar que a sacristia da igreja resistiu completamente aos estragos conseqüentes do terremoto de 1755. Conserva, por isso, o mesmo cunho seiscentista da construção primitiva. A todo o comprimento vêm-se, ainda hoje, os mesmos arcaches *de boa madeyra embotidos de*

(147) Códice n.º 145 do F. G. (B. N. de L.).

negro com ferragens de bronze dourada ⁽¹⁴⁸⁾, o mesmo tecto de abóbada ⁽¹⁴⁹⁾, os dous arcos de pedraria bem fronteyro hum d'outro ⁽¹⁵⁰⁾ (tendo o do lado direito de quem entra os lavatórios da ante-missa e post missa e o outro o altar da sacristia) e a mesa credencial de embrechados de mármore sôbre plinto de pedra lavrada — para se collocarem os calices ⁽¹⁵¹⁾; e todo o pavimento que he muy bem lageado com m armores de diversa cor ⁽¹⁵²⁾.

A casa forte foi mandada fazer em 16 de Março de 1840.

No altar, com seu retábulo de talha dourada e um crucifixo de grandes dimensões, estão as imagens de dois santos pretos — S. António Estronco e S. Benedito — e um grupo escultórico, obra perfeitissima, representando a *Fuga de Nossa Senhora para o Egito* que julgamos ter pertencido à capela de Jesus, Maria, José, da nave da igreja.

Aos lados do arco, assentes sôbre peanha de talha dourada, estão duas imagens valiosas, ricas de estofe e admiráveis de expressão, obra decerto do século XVIII mas com todo o sabor ainda da escultura do século XVII: Santa Quitéria e Santa Isabel da Hungria, irmãs terceiras franciscanas e, como tal, veneradas nesta igreja de Nossa Senhora de Jesus.

Sôbre o arcaz, estão ainda mais três belos exemplares de estatuária religiosa: duas pequenas imagens de S. Clara e de S. Benedito e uma *Nossa Senhora do Rosario* vinda para êste templo da igreja do extinto convento do Santíssimo Sacramento em Alcântara ⁽¹⁵³⁾.

Capela do Noviciado

A capela do Noviciado, de cujas tribunas sôbre o altar mor os terceiros franciscanos antes de professarem assistiam às cerimónias religiosas do templo, foi mandada restaurar por Frei Manuel do Cenáculo ⁽¹⁵⁴⁾.

Possui três altares riquíssimos de talha dourada. As paredes, vãos de janelas e tribunas são revestidos com azulejos pintados a duas côres bastante suaves (azul e amarelo); os seus desenhos representam alguns passos da vida de Santa Teresa. No altar fronteiro à porta da entrada há uma tela com a fi-

⁽¹⁴⁸⁾ Idem.

⁽¹⁴⁹⁾ Idem. A primitiva abóbada caiu em meados do século XVII. Numa das paredes do edificio que deita para a rua da Academia das Ciências está aposta uma lápida com os seguintes dizeres e que se refere, sem dúvida, ao desabamento da abóbada da sacristia:

Em 8 de Julho de 661 mor/reram tres homens/na abobeda desta Sa/cristia Pede hum pa/dre nosso e hũa Ave/Maria suas almas.

⁽¹⁵⁰⁾ Idem.

⁽¹⁵¹⁾ Idem.

⁽¹⁵²⁾ Idem.

⁽¹⁵³⁾ Todo o arquivo da irmandade do extinto Convento passou para o Cartório da igreja de Jesus.

⁽¹⁵⁴⁾ *Compendio*, etc. Frei Vicente Salgado pág. 213.

gura também de Santa Tereza e, em duas mísulas, as imagens de S. Domingos e de S. Francisco vindas do Convento do Santíssimo Sacramento de Alcântara; sobra a ara um sacrário e duas figuras de anjos.

Nos altares laterais estão as imagens de Nossa Senhora de Fátima (que costuma sair nas procissões) e S. Tomás de Aquino.

Em dois andores colocados logo à entrada da capela vêem-se: Nossa Senhora de Jesus (já existente em 1734, e que estava na Casa do Despacho) e Nossa Senhora das Mercês (vinda da antiga paroquial) imagens de roca com roupagens bordadas a ouro.

A imagem de Nossa Senhora de Jesus e a do Menino foram bentas depois de lhe *haverem posto os olhos de vidro e também encarnadas ambas de novo* — em 9 de Abril de 1757 ⁽¹⁵⁵⁾.

No mesmo andar da capela do Noviciado — em cujo corredor de serventia estão guardadas algumas imagens retiradas das capelas e dois armários com os estandartes modernamente executados para as procissões (alguns dêles pintados por Mestre Veloso Salgado) — fica situada a casa do despacho onde estão dois quadros a óleo (sem valor algum) e uma imagem de Nossa Senhora das Mercês.

O ante-côro e o côro

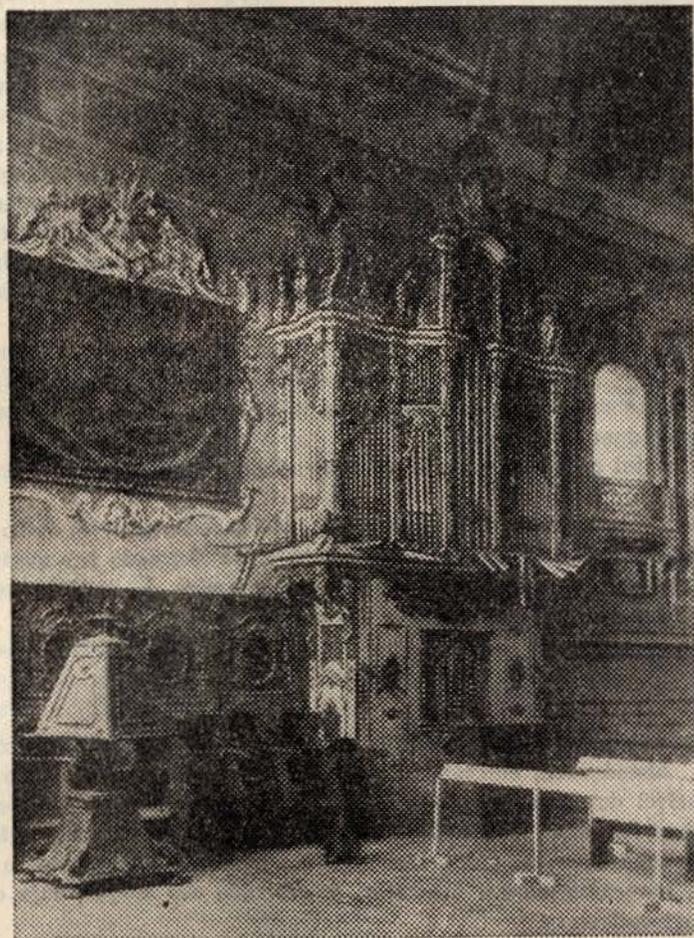
Já se disse que no pequeno átrio que da nave da igreja estabelece a ligação para a escadaria que conduz à sala do ante-côro, esteve, até à saída da Ordem dos Franciscanos do Convento de Jesus, a capela de Nossa Senhora da Apresentação. Uma lápida, ainda hoje embebida numa das paredes, corrobora a afirmação que expendemos:

ESTA CA E JAZIGO DE FRONTE HE DOS
IRMAOS DE NOSSA SENHORA DA
PRESENTACAO A QUAL COMPRA=
RAO AOS PADRES DESTE CONVENTO C=
MO CONSTA DAS ESCRITURAS
Q ESTÃO NAS NOTAS DO TAB JO=
ZEPH DA FONSECA NO ANNO DE 1667



Na descrição que fizemos de uma visita retrospectiva a esta igreja, no ano de 1707, falámos da existência de uma *casa que chamam ante coro que assenta sobre a Portaria principal e he de sufficiente grandeza, muyto clara e alegre pellas boas janelas que tem.*

⁽¹⁵⁵⁾ *Termos e actas da irmandade, fl. 33.*



Aspecto do côro da igreja, vendo-se o estado deplorável do órgão e do quadro assente na parede

(Foto Eduardo Portugal)

Hoje, volvidos duzentos e trinta e nove anos, dobrados assim mais de dois séculos em que um terremoto de conseqüências trágicas deixou indeléveis vestígios de destruição e ruína nesta mole imensa do Convento de Jesus, esta casa — o ante côro da parochial das Mercês — pode merecer nos as mesmas palavras havidas na exposição de setecentos.

Fácil é verificar que resistiu em tôda a sua estrutura e arranjo exterior ao cataclismo de 1755, muito embora tivesse sofrido ⁽¹⁵⁶⁾, anos depois, no governo de Frei José da Madalena, ligadas beneficiações. Com a saída, porém, dos irmãos regulares franciscanos do edificio e, devcluto este, ter sido entregue à douta Academia das Ciências ⁽¹⁵⁷⁾, são-lhe impostas algumas obras. A porta que dava acesso ao interior do Convento foi entaipada e os quadros que ornamentavam as paredes, os retratos do grande benemérito e ministro da Ordem Frei José Maino, pintado por Joaquim Manuel da Rocha, e de outros cinco seus sucessores e Bispos ⁽¹⁵⁸⁾, foram retirados.

Já se não vê, também, no pequeno altar a imagem da Virgem Senhora da Conceição. — Quando teria sido retirada? — Onde está hoje?

Em documento algum lográmos uma informação que nos habilitasse a responder a estas duas perguntas.

No frontal podemos, contudo, admirar ainda a figura de Santo António embutida na pedra.

No arco de entrada para o côro, as duas paredes laterais estão decoradas com um roda-pé de azulejo, feitura do século XVII, formado por quatro painéis. O motivo alegórico da sua composição é relativo à vida de S. Francisco: *A tentação, A libertação, A estigmatização e A morte.*



O côro está hoje uma autêntica ruína em contraste flagrante com o resto do templo. Abandonado, entregue durante anos ao sabor do tempo e à incúria incompreensível dos homens, causa tristeza contemplar aquelas paredes descaídas e apodrecidas pelas infiltrações das águas, o cadeiral de esplêndida madeira onde o caruncho obra em plena liberdade a sua acção destruidora, o órgão incriavelmente inaproveitado e... uma tela, *A adoração dos Magos*, cuja composição está já imperceptível.

Tal hoje se vê o côro da igreja de Nossa Senhora de Jesus, côro que, no dizer de alguns cronistas, fôra o mais belo e grandioso da côrte.

Ruiu por completo por ocasião do terremoto, salvando-se da derrocada apenas a estante do antifonário — *nobre estante de muyto feytio e lavor de ma.*

⁽¹⁵⁶⁾ *Compendio, etc.*, Frei Vicente Salgado, pág. 239.

⁽¹⁵⁷⁾ Decreto de 27 de Outubro de 1834.

⁽¹⁵⁸⁾ *Memórias* de Volkmar Machado pág. 94.

deira de jacarandá ⁽¹⁵⁹⁾. — Desapareceram para sempre os 30 painéis — *de boa mam* — que existiam nos espaldares do cadeiral, representando a vida da *Soberana Virgem May*, e ainda as sete telas que ornamentavam as três paredes do côro, onde se viam alguns *passos da Paixão do Senhor*. O próprio alçado da parede principal foi, com o novo delineamento da fachada, bastante alterado.

O altar existente já antes do terremoto ao meio das grades do côro, onde *assentava em lugar competente hua perfeyta imagem do Senhor Crucificado*, estava colocado ainda em 1834. — Teria sido beneficiado após o cataclismo ou construído de novo na altura do levantamento do côro no govêrno do Ministro da Ordem Frei João da Madalena? Pela descrição do inventário da igreja referente ao ano de 1834, que fala de *um camarim com a imagem de Cristo com suas cortinas, bacoreja_nos* ter sido êsse altar do género do existente ainda hoje na igreja dos Paulistas.

O órgão, que é considerado um dos melhores de Lisboa — cêrca de 1.200 tubos, de sistema pneumático e pletórico de talha dourada — e constitui, como dissemos, uma ruína mais na ruína dêste côro, não é o primitivo. Este, foi construído por ocasião das obras realizadas pelo Padre João da Madalena.



Duas filas de cadeiras — 74 — de boa madeira mas de simples obra de talha e sem *misericordias*, estão dispostas a todo o comprimento das três paredes do côro; e, sobrepujando os primeiros espaldares, dezanove telas ovais bastante deterioradas já mostram-nos os retratos de confessores e mártires da ordem dos terceiros franciscanos. Entre alguns dêsses quadros, em letras pintadas sôbre madeira, estão escritas frases em latim.

A partir da porta da entrada temos os retratos, que as legendas nos dizem ser de:

- B. HIERONYMO, CONFES. 3 ORDIN.
- B. GUALTERI, RELIG. 3 ORDIN.
- B. BARTHOLOMEI DEBARO, CONF. 3 ORD.
- B. ANTONII DEVRBINO, CONF. 3 ORD.
- S. CONRADI, RELIG. 3 ORD.
- B. ANDRE DE DETVDERTO, CONF. 3 ORD.

Seguem três painéis de madeira com os dizeres seguintes:

ELECTI, ET DILECTI
TER. ORDIN
S. FRANCISCI

⁽¹⁵⁹⁾ Códice n.º 145 (B. N. de L.).

QVI
 REDVCES AB EXILIO MUNDI,
 QVI STUDIO VIRTUTIS
 STRENVE DECURSO
 JAM BRAVIVM ALLEPERVNT

LAVDET
 NO MENEIVS
 IN CHORO

QVI REGNUM COELORUM
 VIOLENTI RAPVERUNT,
 ET IAM LAETANTVR
 CAPTA PRAEDA
 QVI
 AMICTI STOLIS ALBIS
 AGNUM SEQUVVNTVR
 QUO CVMQUE IERIT

Logo a seguir vêem-se os retratos de

B. HENRICIT, DACIE PRINCIP, CONF. 3 ORD.,

B. RAIMUNDI LVLLO, RELIG. 3 ORD.

e de

SERAPHICVS PATER, S. FRANCISCVS

e após êles, estes dizeres:

TRANSEVNTES
 PER ICNEM, ET AQVAM
 IAM INTRODUCITI SUNT
 IN REFRIGERIVM,
 FLENTES OLIM
 MISERVNT SEMINA SVA
 NVNC CVM EXULTATIONE
 PORTANT MANIPVLOS SUOS

Depois, escrita na porta que abre para o óculo iluminante da fachada onde

está a imagem de Nossa Senhora de Jesus, lê-se esta legenda que se refere ao quadro a óleo da Imaculada Conceição que assenta sôbre a mesma porta:

IN CONCEPTIONE TVA
VIRGO,
IMMACVLATA FVISTI
ORA PRO NOBIS PATREM,
CVIOS FILIVM
PEPERISTI

Proseguindo, vê-se ainda um outro painel com estas palavras:

ESURIENTES, ET SITIENTES
JUSTITIAM
NVNC SATIANTVR
AB VBERTATE DOMVS DEI
PAVPERES SPIRITU
RELIGUERVNT OMNIA
JAM VSVRA SANCTA
CENTUPLVM ACCIPIVNT

e mais três quadros de

S. LVDOVICE, REG. FRANCIAE,
B. ANTON. APUCEO — FIDONE, RELIG. 3 ORD.
B. VBALDI, RELIG. 3 ORD.

aos quais se seguem estas inscrições:

FIDELIS OLIM SERVI,
NVNC CONSTITURI
SUPER OMNIA DONA DOMINI
IN TERRA VIVENTIVM
OLIM PARVIIN OCVLIS SVIS,
NVNC HONORANTUR NIMIS
ET INSUPER
SVVS CONFORTATVS EST
PRINCIPATVS

LAUDATE
EUM IN CHORDIS
ET ORGANO

TRANSITO
 PROCELLOSO SECVLI MARI
 JAM PARTVM FELICES TENENT
 SIBI SECURI
 DE NOBIS IN SOLICITI
 HABITANT IN DOMO DOMINI
 IN SAECVLA SAECVLORUM
 LAVDABUNT EVM

Finalmente, antes do local onde está o órgão, mais seis telas, e como as restantes em péssimo estado de conservação. Representam:

S. BARTHOLI AS GEMINIANO RELIG. 3 ORD.,
 S. JVNIS CONFES. 3 ORD.,
 S. ROCHI CONFES. 3 ORD.,
 S. FLZEARII CONFES. 3 ORD.,
 B. ANTON, HUNGAR, RELIG. 3 ORD.,
 B. LUDOVICI, DVISCO MARTY, 3 ORD.



Uma única tela de composição se vê actualmente no côro. Está, já se disse, deterioradíssima, abandonada, uma autêntica ruína como todo o côro — repetimos. — Encontra-se colocada na parede onde está o órgão e representa *A Adoração dos Magos*.

Do lado oposto, vê-se ainda a moldura de estuque que enquadrava o óleo que ficava simétrico àquele e era atribuído à oficina de Rúbens.

O conde de Raczinski ⁽¹⁶⁰⁾ legou-nos destas duas telas o seguinte apontamento crítico:

No coro vê-se uma «Ressurreição» atribuída a Rubens. Parece-me com efeito produção desse grande mestre e até se me afigura uma das suas mais nobres composições. Julgo intacto este quadro, ou, se acaso o restauraram, fizeram-no com toda a consciência e cautela que merecia tão louvável obra. Soberbo quadro este, e um dos objectos mais valiosos que se encontram em Portugal. De frente há uma «Adoração dos Magos» que em vários pormenores lembra o pincel de Fernando Boll, mas é muito inferior à «Ressurreição».



Inerplicável é a existência, durante algumas décadas, de um Rúbens na igreja de Jesus.

— ¿Como compreender o facto?

⁽¹⁶⁰⁾ *Les arts en Portugal*, pág. 293.

Por nos parecer, assim, absolutamente estranho que entre os quadros que ainda hoje vemos no templo, e que não consideramos como pinturas de valor transcendente, figurasse um *Rúbens* (ou pelo menos uma tela saída da oficina desse pintor flamengo) procurámos indagar se no arquivo paroquial existiriam quaisquer elementos que nos ajudassem a decifrar a incógnita que o facto apresenta.

Mas não. Os documentos compulsados não iluminam suficientemente o problema e, por conseguinte, impossível é determinar a época em que o quadro deu entrada na igreja de Jesus e, muito menos, saber-se como veio parar a Portugal.

Contudo da documentação existente conseguimos apurar o que a seguir se relata.

Em 16 de Dezembro de 1842 a Secretaria dos Negócios do Reino envia, assinado pelo Barão de Telheiras, um officio ao Vice Inspector da Academia de Belas Artes de Lisboa, concebido nos seguintes termos:

Encarrega-me o Ex.^{mo} Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Reino de remeter a V. E.^a para ser informado pela Academia de Belas Artes de Lisboa, o incluso requerimento documentado, em que D. Francisco de Melo Manuel, pede que sejam entregues dois Painéis, um da «Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo» e outro da «Adoração dos Magos» que se acham no Côro da Igreja do extinto convento de Jesus da mesma Cidade, para onde foram transferidos da Capela do referido Convento, chamada de St.^o Antonio o Rico e pertencem ao Sug.^o como successor e Administrador da Casa de seu pai D. José de Melo de quem era a Capela e seus ornatos.

Já, ao tratarmos das capelas da nave, informámos o leitor da impossibilidade de marcarmos a qual dos altares hoje existentes correspondia a capela de St.^o António o Rico, erecta, pelo menos, até 1834. Afirmámos também que, pelas dimensões dos dois quadros, difficilmente qualquer das capelas da nave os comportaria. Inclinámo-nos, assim, a que a capela denominada de St.^o António o Rico tenha sido a que fica anexa à capela mor, do lado oposto à capela da família Sousa Macedo.

Mera hipótese, porém.

Não conseguimos igualmente analisar os documentos que o presumível dono dos dois quadros apresentou como prova desse senhorio; elementos que seriam preciosos, pois encerram, sem dúvida, a chave de todo o enigma.

—¿Que teria resolvido sobre a entrega dos quadros o então Ministério do Reino? — ¿Que informação prestou a Academia das Belas Artes?

Documento algum também encontrámos, quer no arquivo paroquial, quer no arquivo daquele estabelecimento de cultura, que nos habilitasse a esclarecer o andamento que a exposição de D. Francisco de Melo Manuel tenha tomado, e quais os pareceres que a mesma mereceu.

(Em 1886 — 44 anos volvidos — o conselheiro Barros Gomes solicita da

Irmandade do Santíssimo Sacramento da igreja de Jesus a cedência (como depósito) à Academia de Belas Artes do quadro *Cristo triunfando da morte* ⁽¹⁶¹⁾.

A 6 de Outubro dêsse mesmo ano envia a Academia ao Juiz da mesma Irmandade o seguinte officio ⁽¹⁶²⁾:

Tendo a irmandade do S. S. da Igreja Paroquial de Nossa Senhora das Mercês desta cidade, à qual V. Ex.^a dignamente preside, acedido generosamente ao louvável desejo manifestado por S. E.^a o ministro dos Negocios Estrangeiros, para que o quadro original attribuído ao distinto pintor P. P. Rubens, que existe no côro da referida igreja, seja depositado no museu de Belas Artes, atendendo a que pelas más condições de colocação em que se acha, corre risco de se perder inteiramente; vou rogar a V. E.^a se digne indicar-me o dia e hora em que poderá effectuar-se a entrega do dito quadro e as condições em que V. E.^a deseja que se lavre o respectivo termo, etc.

O quadro foi entregue à Academia da Belas Artes e, como se deixa dito, a título de depósito.

Não quis, porém, a Irmandade que o côro da igreja de Jesus soffresse no seu aspecto ornamental com a falta dessa tela e, então, solicitou da Academia a cedência, também por empréstimo, de um outro quadro de dimensões idênticas ao de Rúbens.

A Academia concordou com o pedido formulado e nomeou desde logo uma comissão, composta pelos professores José Ferreira Chaves e António Carvalho da Silva Pôrto e pelo seu secretário A. J. Nunes Júnior, para tomar conhecimento de um quadro que poderá ser dado à irmandade do S. S. da freguesia das Mercês, em troca do quadro de Rubens existente no Museu Nacional de Belas Artes, em conformidade do que foi tratado pelo mesmo Snr. Vice-presidente (da Academia) com a referida irmandade ⁽¹⁶³⁾.

O quadro foi realmente escolhido mas nunca chegou a dar entrada na igreja de Jesus.

O parecer da comissão concluiu, no entanto, que a tela — representando, no primeiro plano, *S. Pedro entregando a tiara e o crucifixo a um religioso da Ordem de S. Bento*, e no fundo *Cristo entregando as chaves a S. Pedro* ⁽¹⁶⁴⁾ —

⁽¹⁶¹⁾ Arquivo da Irmandade.

⁽¹⁶²⁾ Arquivo da Academia de Belas Artes (Livro de correspondência com diversos, n.º 4).

⁽¹⁶³⁾ Idem. Cópia do officio de 2 de Novembro de 1886 remetido ao professor António Carvalho de Silva Pôrto.

⁽¹⁶⁴⁾ O quadro tem actualmemente o n.º 791 do Museu Nacional de Arte Antiga.

carecia de restauro e *acrescentamento na sua largura* e que a *importancia desta obra devia ficar a cargo da irmandade* ⁽¹⁶⁵⁾.

É natural que esta imposição não tivesse agradado à Irmandade fabriqueira do templo, e daí o ter surgido, de certo, qualquer questiúncula entre esta e a Academia. O que sabemos é ter a Irmandade insistido algumas vezes junto do Ministério do Reino pela entrega do quadro — mas êste nunca chegou a sair do seu lugar do Museu Nacional de Belas Artes.

Passaram anos; o côro da igreja de Jesus, tristemente abandonado, é hoje, como se disse, uma autêntica ruína. À tela *A adoração dos Magos*, cujo autor se desconhece, está completamente deteriorada.

— ¿Que destino teria levado — é lógica a pergunta — êsse *Rubens* maravilhoso, se não fôsse a intervenção salvadora da Academia de Belas Artes? — ¿Em que estado estaria, também hoje, essa outra tela que foi escolhida para substituir *A Ressurreição*? A resposta não é difícil de adivinhar.

— ¿Mas — perdoe-nos o leitor a insistência — porque se conserva naquele estado de abandono, de imperdoável incúria, o côro da igreja de Jesus?

— ¿Não merce a paróquia das Mercês, o templo dos terceiros franciscanos, que se proceda ao seu restauro imediato, integrando a no aspecto primitivo, repondo nos lugares próprios as imagens admiráveis que ainda existem na igreja, que se salve do aniquilamento total o órgão, a estante do antifonário, as pinturas e o cadeiral do côro, que desapareçam para sempre certas pinturas *mestres de obras* e os candeieiros de metal cromado e de globos de vidro, que maculam pelo seu aspecto anacrónico e de muito... *mau gôsto*, a traça seiscentista das capelas da nave?

Irmandades e Confrarias

Em 1707, informa um documento da então ⁽¹⁶⁶⁾, existiam neste templo nada menos que oito irmandades — *hũas de homens e outras de mulheres e todas com muytas indulgencias e sufragios de missas* — se bem que Carvalho da Costa nos diga, em sua *Corografia* ⁽¹⁶⁷⁾ publicada como se sabe em 1712, que havia na sobredita igreja sete irmandades que pelo discurso do anno fazem repatidas, & devotissimas festas, que estão firmadas com Bullas Pontificias, Jubillo, graças & muitas indulgencias; & alem destas — esclarece ainda — há também oito confrarias que todos os annos repetidas vezes festejão por sua devoção aos santos & senhores que tomarão por objecto de suas affectuosas devoções.

Natural é que algumas destas irmandades e confrarias pertencessem à

⁽¹⁶⁵⁾ Minuta manuscrita a tinta com algumas emendas do Arquivo da Academia de Belas Artes.

⁽¹⁶⁶⁾ Códice n.º 145 (B. N. de L.), fl. 205.

⁽¹⁶⁷⁾ Tomo III, págs. 495 e 496.

capela dos Terceiros; no entanto, difícil é hoje, dada a discrepância referida, saber-se quantas associações religiosas existiam nesse começo do século de setecentos no templo dos Cardais.

Em documentação arquivada no cartório da igreja vimos que a irmandade mais antiga era a de *Nossa Senhora de Jesus e Escravos do Santíssimo Sacramento e cinco Chagas de Cristo*, mais tarde — 1727 — conhecida somente por *Confraria de Nossa Senhora de Jesus* e actualmente incorporada na do Santíssimo Sacramento (desde 1864). O seu compromisso data de 1597 — provisão passada pelo Arcebispo D. Miguel de Castro em 25 de Setembro dêsse ano; reformado em 1762 e confirmado por acórdão da Relação de 18 de Junho de 1863 ⁽¹⁶⁸⁾.



A irmandade do Santíssimo Sacramento, fabriqueira do templo até 1931 ⁽¹⁶⁹⁾, veio para Jesus da antiga paroquial das Mercês. Foram quási sempre seus juizes perpétuos os titulares da casa Pombal desde que Sebastião José de Carvalho e Melo fôra eleito para êsse cargo.

Nos livros de assentos da referida irmandade a primeira acta que está assinada pelo Ministro de D. José (só assina como Conde de Oeiras em 3 de Fevereiro de 1760) é datada de 23 de Agosto de 1757, muito embora Carvalho e Melo já fôsse juiz desde 1751 como consta do seguinte passo da acta de 29 de Março de 1761 na qual o elegeram juiz perpétuo: *Preclarissimo Padroeyro desta Irmandade sucessivamente desde tres de Outubro de mil setecentos cincoenta e hum por ser hum dos Paroquianos em que bem se verificão as circumstancias requeridas pelo mesmo compromisso como tambem com a mesma perpetuosidade o ficarão sendo seos Illustrissimos Sucessores.*

Efectivamente até há algumas dezenas de anos foram sempre êstes titulares os juizes da irmandade, com o simples interregno dos anos de 1837 a 1871 em que, por ter sido dissolvida a mesa de harmonia com as normas estabelecidas no Código Administrativo promulgado após o advento do regime liberal, foi a irmandade entregue a uma comissão administrativa à qual presidia o Conde das Alcáçovas.

É seu actual juiz o sr. Visconde de Sanches de Baena.

⁽¹⁶⁸⁾ É interessante notar que no *Livro de Termos e Actas* desta Irmandade consta (fl. 79 v.) um assento onde se transcreve a resposta ao pedido feito pela *Junta do Exame do Estado actual e melhoramento temporal das Ordens Regulares* de 2 de Maio de 1834 sobre a data em que fôra instituída a Irmandade e que é do teor seguinte: *sendo constante que já no ano de 1279 havia uma tal ou qual confraria inda que não há desse tempo compromisso.* A observação é de veras estranha.

⁽¹⁶⁹⁾ A entidade fabriqueira é actualmente representada pelo pároco.

Da irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Escada já falámos ao tratar da respectiva capela. Ainda hoje existe e tem como juiz o sr. Vicente da Cunha Areias.

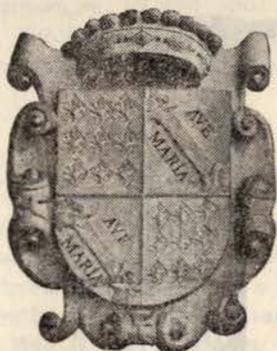
Outras inmandades actualmente erectas:

Nossa Senhora da Conceição da Casa (até 1787 sòmente Nossa Senhora da Conceição) com compromisso que data de 20 de Junho de 1742 e que tem como juiz presentemente o sr. Agostinho Dinis de Jesus ⁽¹⁷⁰⁾.

Nossa Senhora da Apresentação e Cadeia, com compromisso estatuído em 22 de Março de 1741, presidida até há pouco tempo pelo ilustre oficial da Marinha de Guerra e valoroso combatente das campanhas de África o sr. Conde da Ponte ⁽¹⁷¹⁾.

Até final do século passado existiram ainda nesta igreja de Jesus as irmandades de S. Miguel e Almas — vinda da antiga paroquial com o compromisso de 17 de Agôsto de 1730 — de Santo António pobre, esta com compromisso datado de 1610 ⁽¹⁷²⁾ e a confraria de Jesus, Maria, José, à qual pertenciam todos os *homês pretos da cidade* ⁽¹⁷³⁾.

Brazão exis
das capelas



tente numa
da nave

⁽¹⁷⁰⁾ Foram seus juizes também, os Marquesses das Minas e de Valada.

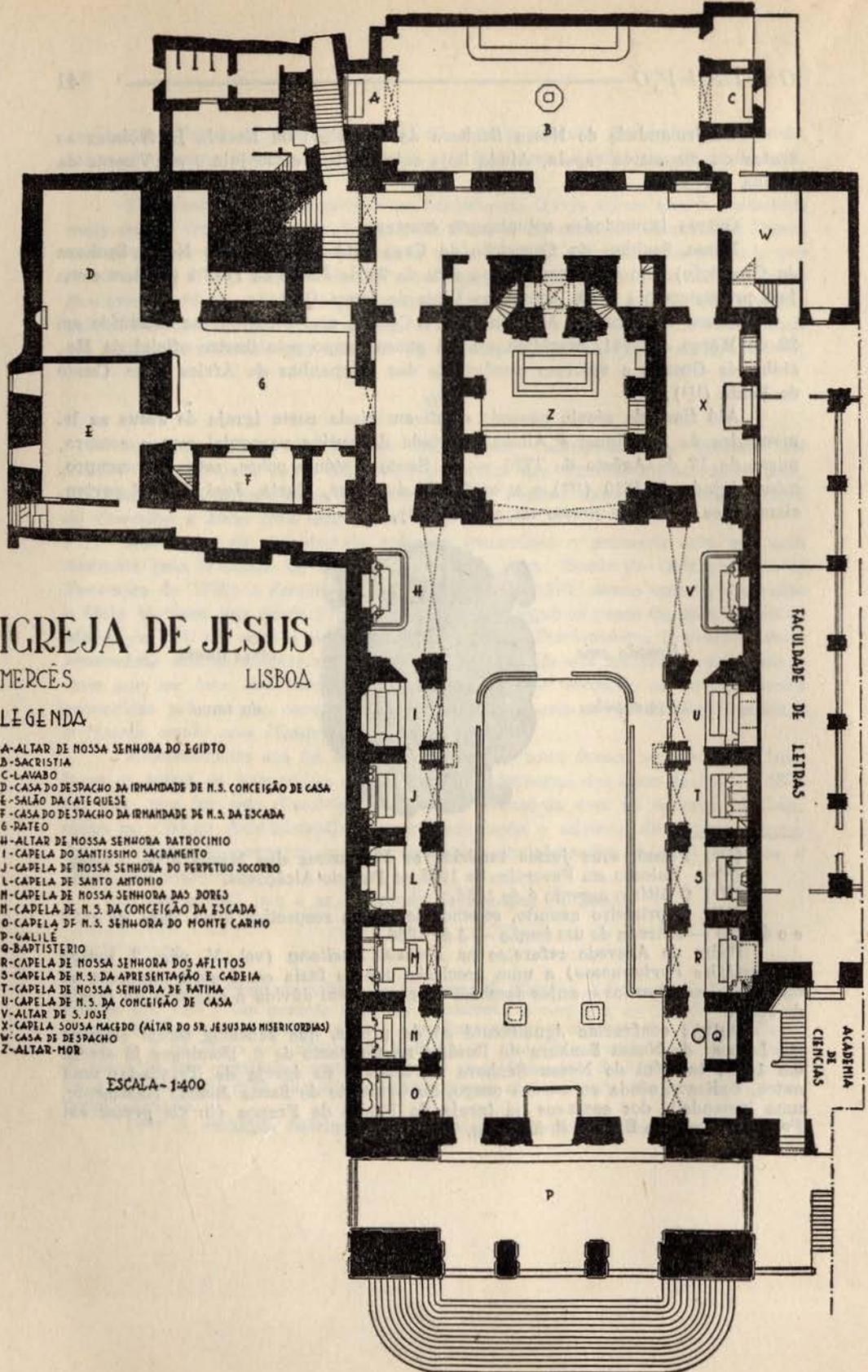
⁽¹⁷¹⁾ Faleceu em Fevereiro de 1945 no Palácio Alcáçovas.

⁽¹⁷²⁾ O último assento é de 1882.

⁽¹⁷³⁾ O primeiro assento, segundo lemos no respectivo livro, data de 1737 e o último — entrada de um irmão — é de 1866.

Pedro de Azevedo refere-se na *Revista Lusitana* (vol. V, pág. 2, artigo *Superstições Portuguesas*) a uma procissão que se fazia em Lisboa composta só de *negros*, com santos e anjos também de côr — sem dúvida a que saía da igreja de Jesus.

Outras confrarias igualmente só de pretos, que sabemos terem existido em Lisboa: de Nossa Senhora do Rosário no Convento de S. Domingos já erecta em 1496; também de Nossa Senhora do Rosário na igreja da Trindade; uma outra, dedicada ainda ao mesmo orago, no Convento de Santa Joana; finalmente, uma irmandade dos escravos na igreja da Penha de França (in *Os pretos em Portugal*, António Brávio, S. Sp., pág. 73).



IGREJA DE JESUS

MERCÊS

LISBOA

LEGENDA

- A-ALTAR DE NOSSA SENHORA DO EGIPTO
- B-SACRISTIA
- C-LAVABO
- D-CASA DO DESPACHO DA IRMANDADE DE N.S. CONCEIÇÃO DE CASA
- E-SALÃO DA CATEQUESE
- F-CASA DO DESPACHO DA IRMANDADE DE N.S. DA ESCADA
- G-PATEO
- H-ALTAR DE NOSSA SENHORA PATROCINIO
- I-CAPELA DO SANTISSIMO SACRAMENTO
- J-CAPELA DE NOSSA SENHORA DO PERPETUO SOCORRO
- L-CAPELA DE SANTO ANTONIO
- M-CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS DORES
- N-CAPELA DE N. S. DA CONCEIÇÃO DA ESCADA
- O-CAPELA DE N. S. SENHORA DO MONTE CARMO
- P-GALILE
- Q-BAPTISTERIO
- R-CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS AFLITOS
- S-CAPELA DE N. S. DA APRESENTAÇÃO E CADEIA
- T-CAPELA DE NOSSA SENHORA DE FATIMA
- U-CAPELA DE N. S. DA CONCEIÇÃO DE CASA
- V-ALTAR DE S. JOSE
- X-CAPELA SOUSA MADEDO (ALTAR DO SR. JESUS DAS MISERICORDIAS)
- W-CASA DE DESPACHO
- Z-ALTAR-MOR

ESCALA-1:400

FACULDADE DE LETRAS

ACADEMIA DE CIENCIAS

Paroquial das Mercês

Estávamos no final do primeiro quartel do século XVII. Lisboa, num acréscimo considerável de população, estendia os seus braços tentaculares para além da linha periférica que limitava há muito a zona urbanizada. O número de freguesias era já importante; escasso, porém, para as prementes necessidades que o desenvolvimento da urbe impunha.

Em plena centúria de seiscentos ⁽¹⁾ criara-se, destacada da colação de St.^a Justa, a freguesia de S. Sebastião da Pedreira; mas já uns anos antes, o movimento paroquial da cidade havia modificado largamente a delimitação dos distritos eclesiásticos. Das paróquias de N. S.^a dos Mártires, de St.^a Justa e de St.^o Estêvão, surgiram, por desdobramentos sucessivos, as freguesias de N. S.^a do Loreto (Encarnação) — 1551, St.^a Catarina — 1559, S. Paulo — 1566, Santos-o-Velho — 1566; Anjos — 1564/69, Santana — 1564/69, S. José — 1567, S. Sebastião (Socorro) — 1596; St.^a Engrácia — 1569. A freguesia de N. S.^a da Conceição (Conceição Nova) formara-se (1568) em território cedido pelas de S. Julião, Madalena e de S. Nicolau — paróquia que, mais tarde (1584) havia de se desmembrar de novo para dar lugar à freguesia da Trindade (Santíssimo Sacramento) ⁽²⁾.



Para além dos núcleos residenciais abrangidos pela jurisdição eclesiástica das duas freguesias limítrofes de St.^a Catarina e do Loreto foram-se, pouco a pouco, construindo habitações modestas ou casas senhoris. Assim, nesse subúrbio alcantilado dos *Cardeais*, outrora pasto silvestre e abandonado, onde a vontade forte e a persistência dos religiosos terceiros franciscanos tinham construído o templo dedicado à Virgem Mãe de Deus, surgia, mercê desse desenvolvimento urbanístico, uma nova célula residencial, cuja importância conduziria em breve à lógica emancipação do distrito eclesiástico a que pertencia.

Em 1625, cremos que por influências dos paroquianos grades do local, pensa-se em criar em tôda essa área dos *Cardeais* — dois pertencentes à colação de St.^a Catarina — nóvel freguesia: a freguesia das Mercês.

Forte oposição da Irmandade fabriqueira do templo de St.^a Catarina — que assim via, com a erecção de uma nova paroquial, cerceadas as suas receitas e diminuído o número de fiéis — procrastina o desejo do Cabido da Sé.

A luta entre a Irmandade e o Cabido recrudesce, a ponto da questão baixar ao poder judicial. Intervém depois a autoridade régia e a dissidência resolve-se.

(1) Entre os anos de 1608 e 1622.

(2) As freguesias de Lisboa, Eng. Augusto Viera da Silva.

Estabelecida, assim, a harmonia entre as partes litigantes — o que se registou em 1 de Dezembro de 1632 (3) — procurou logo o poder eclesiástico dar satisfação aos desejos dos futuros paroquianos da freguesia a criar. A área foi demarcada, embora à custa somente de um terço da freguesia de St.ª Catarina. A restante superfície foi subtraída à freguesia do Loreto (Encarnação).

Assim nasceu a freguesia das Mercês.

A igreja escolhida para matriz foi a ermida da Ascensão de Cristo (4), situada perto do convento dos Paulistas na calçada do Combro. Poucos anos serviu, porém, de paroquial; somente vinte. Perto, na rua Formosa, hoje rua do Século, havia Paulo de Carvalho, tio do primeiro Ministro de D. José, edificado, no Recolhimento de mulheres que tinha a invocação de N. S.ª das Mercês, uma pequena igreja. Movidas as melhores influências, consegue Paulo de Carvalho do Cabido que o novo templo fôsse elevado à categoria de paroquial. Para êle passou, assim, no decorrer do ano de 1652, a sede da freguesia das Mercês. Lá se conservou até ao ano fadídico do Terramoto. Os danos causados no templo pelo sismo foram profundos, pelo que os actos religiosos passaram durante dois anos e oficiarem-se na primitiva cabeça da paróquia.

Em 22 de Maio de 1757, já reparada, a ermida das Mercês abre de novo ao culto, transitando para ela os respectivos serviços paroquiais.



Pelo *Plano* de remodelação paroquial de 1770 — medida urgente que o govêrno de D. José entendeu tomar anos depois da tremenda catástrofe que enlutou Lisboa — criam-se na cidade novas freguesias, desaparecem ou diminuem de área outras, são anexadas algumas. A das Mercês — que continuava tendo como matriz a ermida da rua Formosa — ficou, segundo o estabelecido, com a seguinte delimitação:

O destrito desta Freguesia — lê-se no referido diploma — começará no cunhal das caças do Monteiro mor do Reino até a rua da Rosa das Par-tilhas, e subindo por toda esta de um e outro lado até chegar à rua que vem de São Pedro de Alcantara, prosseguirá também por ambos os lados desta até à travessa do Pombal da qual lhe pertencerá somente o lado oriental até à rua de São Bento; nesta lhe pertencerá o lado septentrional; e da calçada do Combro até chegar aos obredito cunhal, ou entrada da rua Formosa; pertencendo-lhe também o seguinte: rua Formosa, rua das Parreiras, rua da Vinha, rua de São Boaventura, rua do Carvalho, rua da Paz, rua da Cruz, rua do Vale, rua Nova de Jesus, rua da Quintinha, rua da Arrochela, rua de Nossa Senhora dos Prazeres, rua da Madre de Deus, rua da Conceição, rua de Nossa Senhora

(3) Artigo de Sousa Viterbo, *Diário de Notícias* de 1893.

(4) Erecta em 1500 (?) (*Santuário Mariano*).

da Penha de França, rua da Procissão do Corpo de Deus, travessa dos Caetanos, travessa Nova da Cotovia, travessa da Patricrca, travessa das Mercês, travessa dos Fiéis de Deus, beco da Ascensão, beco da Rosa, travessa de Pedro Dias, rua do Loureiro e todas as mais ruas e travessas projectadas no novo Plano, das terras de José Bruno de Quebedo, e nas que pertencem ao Real Collegio dos Nobres, na parte ocidental da Cotovia.

Essos anos durou, porém, esta nova divisão administrativa. Em 1780, pela vontade firme do governo de D. Maria I de derrogar toda a obra de Pomal, um outro Plano foi promulgado. Por este diploma, que substituiu o de 1770, a freguesia das Mercês permaneceu, mas reduzida, todavia, a uma área menor, como se vê pela demarcação que consta do teor da respectiva lei (2):

Terá principio o destrito desta Paroquia — lê-se — na ermida da Ascensão na calçada do Combro, subindo pelo lado esquerdo até à rua da Rosa das Partilhas, na qual entrará pelo mesmo lado até chegar à rua que vem de S. Pedro de Alcântara e proseguirá pela dito lado até à rua de S. Marçal ou dos Marcos; descerá por ella à Praça das Flores, travessa nova até a esquina das casas que fazem frente para a rua de S. Bento; retrocedendo discorrerá por toda a Quintinha, rua de Santa Tereza, rua Nova do Recolhimento dos Cardais até à esquina do Hospital dos Terceiros de uma e outra parte; voltará à rua do Ouro e rua Formosa, irá acabar no fim da travessa que defronte da igreja desce à Calçada do Combro, pertencendo-lhe todas as mais ruas, travessas e becos compreendidos neste destrito.

Desta paróquia se restituiu à de Santa Catarina e Santa Izabel uma parte do destrito que a cada uma se tirou no ano de 1770, ficando ainda com a outra parte mais aumentada a Povoação que tinha até o dito ano, em que contava 4,673 pessoas, e ao presente consta de 1.105 fogos e 5.475 pessoas.



Rolaram algumas décadas. O liberalismo imposto à Nação pela alfurja maçónica, talhado ao país por figurino estrangeiro, determina a extinção das ordens religiosas. Nos mosteiros e casas conventuais entram os quartéis, instalam-se em condições péssimas os vários serviços públicos — as repartições, as escolas, os hospitais.

O longo período do nacionalíssimo provisório surge então — mal terrível de que a cidade, tão pobre na sua arquitectura monumental, tanto sofreu e do qual só há bem pouco ainda se começou a liberar.

Devoluto, pois, o convento dos Religiosos regulares da Ordem Terceira de S. Francisco, pensou-se logo na mudança para a sua igreja — já na posse desde

(2) Colecção de Leis, 1775 a 1790.

27 de Maio de 1834 do prior de St.^a Catrina, padre Francisco José Pinto (6) — da paróquia das Mercês.

É a portaria de 26 de Março de 1835, que estabelece também a transferência da cabeça paróquia de St.^a Engrácia para o templo do extinto Hospital dos Barbadinhos Italianos e da sede da freguesia da Ajuda para a igreja do antigo convento da Boa-Hora, que determina a elevação da igreja de Nossa Senhora de Jesus à categoria de paróquia das Mercês.

Em 3 de Abril dêsse mesmo ano é publicada pelo Patriarcado e assinada pelo Arcebispo Eleito do Lancedemónia a seguinte

PROVISÃO

Tendo sua Magestade Fidelissima a Rainha minha Senhora determinado por Seu Real Aviso, de 26 de Março passado, expedido pelo Ministério dos Negocios Eclesiásticos e de Justiça que immediatamente se verifique a mudança da paróquia da Nossa Senhora das Mercês da Igreja em que ora se acha (7) para a igreja do extinto Convento de Jesus, faz-se necessário que a Irmandade da mesma freguesia empregue os meios necessários para que tal mudança se verifique com a devida pompa e solenidade na tarde de domingo 12 do corrente mês na conformidade das ordens que na data de hoje expedimos ao Rev. Pároco e à mesma trasladação nós assistimos pessoalmente ou por delegado nosso.

A cerimónia, revestida de tóda a solenidade, realizou-se de facto no dia marcado.



Desde a sua elevação a paróquia das Mercês, exerceram na igreja de Jesus as funções de párocos os seguintes sacerdotes:

1835 — Prior encomendado, Francisco Paula Guerra (8).

1837 — Prior encomendado, Vicente de St.^a Rita Lisboa (9), consagrado prêgador régio e grande paladino das idéias liberais (10).

(6) Auto de entrega que consta do processo n.º 209 do Arquivo do Ministério das Finanças. Por portaria de 14 de Março de 1834 tinha sido ordenado o inventário de todos os bens da igreja (idem).

(7) A ermida das Mercês, na rua dos Fiéis de Deus, ficou depois da saída da paróquia servindo de panteão da Casa de Pombal. Em 28 de Abril de 1942, já na posse do sr. Alberto Carneiro Lopes, foi vendida ao Comando da Polícia de Segurança Pública para nela se instalar uma esquadra.

(8) Livro IX de Óbitos, Freguesia das Mercês.

(9) Livro de Actas da Irmandade do Santíssimo.

(10) Dicionário de Inocência vol. VII, pág. 40.

1840/52 — Dezembargador João Camilo de Lélis que já havia exercido o cargo na ermida da rua do Século nos anos de 1826 a 1831 ⁽¹¹⁾.

1854/58 — Prior encomendado Hermitério da Conceição Maria Coelho.

1869 — Prior encomendado Gregório José Lopes.

1870 a 1911 — João Manuel Rodrigues Lima ⁽¹²⁾.

1912 — Francisco Maria Fernandes de Castro (coadjutor encarregado da paroquialidade).

1913 a 1930 — Cônego António Aires Pacheco ⁽¹³⁾.

Desde 1930 o Padre Augusto José Marques Soares.

Vária

A *Gazeta de Lisboa* de 15 de Julho de 1728 dá-nos a seguinte notícia referente à igreja de Jesus: *Os religiosos Tereceiros do Convento de Nossa Senhora de Jesus desta cidade festejarão segunda feira a notízia da Canonização da gloriosa Santa Margarida de Cortona, cantando solemnemente o «Te-Deum» na sua igreja com vários coros de musica e assistencia dos mais religiosos e de muita Nobreza da Côrte.*



Em 1852 o Ministério das Obras Públicas realizou no templo grandes obras de restauro.



No dia 26 de Março de 1887 oficiaram-se na igreja solenes exéquias por alma do grande estadista Fontes Pereira de Melo.



Na igreja de Jesus estiveram depositados os corpos de Ramalho Ortigão e de Chaby Pinheiro. Foi dêste templo que saíram os cortejos fúnebres dessas duas grandes figuras da Literatura e do Teatro.



Em 3 de Dezembro de 1912 uma comissão nomeada pelo govêrno de então procedeu a um *auto de arrolamento* de todos os bens da igreja, do qual consta que

⁽¹¹⁾ *Actas da Irmandade do Santíssimo.*

⁽¹²⁾ *Almanaques Comerciais.* Em 1888, talvez por impedimento do titu-

⁽¹³⁾ *Almanaques Comerciais.* Em 1913 residia na rua do Limoeiro, 32_2.º lar do cargo exerceu o priorado o padre Carlos Ferreira Santos e Silva (*Rol das desobrigas*).

esta está situada no largo de Jesus, freguesia das Mercês, e faz parte do extinto convento de Jesus e se compõe de 14 altares, quinze quadros, sacristia, casa de despacho, cartório paroquial e umas pequenas arrecadações e confronta pelo sul com o largo de Jesus, do norte com as ruas Eduardo Coelho e do Arco, do nascente com a Academia das Ciências e do poente com dependências da referida Academia e edificios da Ordem 3.^a da Penitencia de S. Francisco.



Por decreto n.º 33.587, de 27 de Março de 1944, a igreja de Jesus foi considerada Monumento Nacional. O respectivo parecer foi formulado pela 1.^a Subsecção da 6.^a secção da Junta Nacional de Educação Nacional.



Riquíssimas alfaías possuiu sempre a igreja de Jesus. Ainda hoje, a atetarem esse passado de grandeza artstica e de grande valor material, se conservam neste templo — embora que em precárias condições de preservação — algumas jóias.

A colecção é primorosa. Destacam-se como peças de grande interêsse artistico corôas, colares, brincos, firmas e rosários de filigrana.

Entre os objectos de prata salienta-se uma magnífica custódia do século XVII, transição das custódias de templete para as custódias modernas, que tem ao alto, em delicada escultura, as figuras da Fé, da Esperança e da Caridade ⁽¹⁴⁾.

⁽¹⁴⁾ Por ocasião da passagem para Jesus da paroquial das Mercês foi lavrada uma relação de todos os bens, móveis, jóias, sua antiguidade, etc., da qual constam bastantes peças de ourivesaria. Em 1864 a Sr.^a Angélica de Jesus Maria ofereceu à Inmandade um par de brincos no valor de 2.755\$00 (*Actas da Irmandade do Santissimo*).

A Ermida de Nossa Senhora do Monte e S. Gens

Esbôço monográfico

por HENRIQUE MARQUES JÚNIOR

Quem quiser gozar uma das mais lindas vistas da nossa querida Lisboa, não tem mais do que subir a calçada da Mouraria, travessa do Jordão (escadinhas), quebrar à esquerda o largo das Olarias, subir, à direita, a íngreme calçada do Monte e, chegando ao topo, virar à esquerda, de onde, consoante disse acima, se desfruta um lindíssimo panorama da nossa Lisboa, sem jeito de reclamo ao livro de Matos Sequeira e Luiz Pastor de Macêdo que, com êste título (*Nossa Lisboa*), foi publicado há pouco.

Ora, quem vai a êsse elevado ponto da capital pode visitar a ermida de Nossa Senhora do Monte e S. Gens, de qua vamos dar pequena notícia bebida num folheto de Joaquim José da Silva Mendes Leal, escrito em 1860 e dedicado à memória da rainha D. Estefânia e reeditado em 1893. Não nos foi possível encontrar elementos mais modernos para sôbre êles fazermos melhor referência, mas o que aqui fica deve dar nota do que é êsse pequeno edificio religioso que foi fundado no comêço do século XIII.

No sopé do Monte, para as bandas do norte, que anteriormente era conhecido por Almocovar e, mais tarde, Fornos de Tejolo, existia um ponto denominado S. Gens, ponto antigamente muito respeitado pelo povo, que o tinha como sagrado em virtude de — consoante a tradição — ser aí que S. Gens, segundo bispo de Lisboa — sentado na sua cadeira, nas primeiras eras do Cristianismo, havia pré-gado a lei do *Crucificado*, e também porque era aí que estava colocado o milagroso assento que era, para o povo cristão, um testemunho de quanto devia venerar a memória do bispo, que foi um dos mártires do Cristianismo.

Em 1147, quando D. Afonso Henriques tomou a cidade aos mouros, vieram quatro eremitas de Santo Agostinho na armada cristã estrangeira que aproou ao Tejo e ajudou o nosso primeiro monarca nêsse empreendimento. O povo cristão — que o havia mesmo no tempo da mourama — querendo eternizar a memória do seu tão querido prelado, aproveitou êstes êxitos para oferecer a êsses eremitas um local no sopé do Monte onde havia, em grande adoração, debaixo de um alpendre, a cadeira de S. Gens.

Os eremitas, atendendo às virtudes do insigne mártir e aos desejos dos moradores daqueles sítios, com os socorros que conseguiram, fizeram aí a sua

primeira moradia em 1148, com uma ermida ao pé, onde veneravam como padroeira do reino uma perfeita imagem de Nossa Senhora, e dentro dessa ermida collocaram a milagrosa cadeira de S. Gens, que era um assento de pedra, à maneira de espaldas, e bem assim diversas reliquias que, ao que parece, pessoas antigas lhes ofereceram.

Essa ermida estava sempre aberta ao culto que era grande, pois muitos devotos, cheios de viva fé, procuravam as virtudes de S. Gens — de quem diremos alguma cousa no fim — e o auxílio da sua cadeira que — segundo reza a



A Ermita de Nossa Senhora do Monte e S. Gens

lenda — era principalmente procurada pelas mulheres em estado interessante, pois lhes dava boa hora.

Foi esta a primeira ermida levantada à memória d'este mártir português, e a primeira residência dos eremitas de Santo Agostinho, com o nome de Eremitório de S. Gens, razão porque o povo mais tarde lhes chamava Frades de S. Gens.

Até ao comêço do século XIII, existiram a ermida e o eremitório, e foi nessa data que uma nobre dama — D. Susana — proprietária daquelas vizinhanças — ao ver o desconforto em que os frades viviam naquele encovado e pouco

eslubre lugar, lhes doou tódas as terras que lhe pertenciam no alto do Monte, para lá residirem e, com o concurso de importantes dádivas dos habitantes daquelle ponto, mandou edificar, em 1243, nessa eminência que lhe pertencia, com melhores proporções, outra ermida, em memória dêsse santo bispo, e para esta nova ermida foram passadas tódas as imagens e a citada cadeira, que, como anteriormente, era fervorosamente venerada e tornava-se necessário conservar a ermida sempre aberta. Como, porém, aqui a devoção a Nossa Senhora aumentasse, o povo foi-lhe chamando Senhora do Monte.

Transferindo para êste local a sua moradia, construíram celas, e deram-lhes a mesma denominação de Eremitório de S. Gens, removendo a pirâmide que collocaram em frente da actual ermida e em que se lia:

ULISIPPONE HIC, AUGUSTINENSIVM PRIMA SEDES, A. B. anno 1148
mantendo algumas oficinas e celas no sopé do Monte por haver água com abundância e ser o ponto mais próprio para os eremitas idosos.

Mas a supracitada senhora D. Susana, ao saber que no novo eremitório do cimo do Monte não havia água, mandou construir do seu bolsinho uma cisterna.

Foi esta a segunda casa que os eremitas de Santo Agostinho tiveram na capital com a designação de Eremitório de S. Gens, onde residiram durante vinte e oito anos, até que, em 1271, mudaram para terceira casa, no monte que ficava próximo, no ponto então conhecido por Almafala, mais tarde convento e igreja da Graça. O convento desapareceu para se tornar — já em nossos dias — quartel, que tem servido para alojamento de vários regimentos e onde, agora, estão instalados o Conselho Tutelar do Exército e o Corpo de saúde.

Em virtude da saída dos eremitas, em 1271, para o convento da Graça, a igreja de Nossa Senhora do Monte e S. Gens não podia manter-se sempre aberta ao culto, à concorrência e à devoção pela milagrosa cadeira de S. Gens e por isso foi esta collocada num dos ângulos do alpendre, perto da referida Igreja.

Transformada assim só em Ermida, a igreja do Eremitório foi entregue aos cuidados da confraria de S. Gens que — consoante historia Frei António da Purificação, a fls. 110 da 2.^a parte da sua *Chronica dos Agostinhos* — já existia, mas foi decaindo a Ermida até que, em 1306, trinta e seis anos depois dos religiosos estarem em Almafala, querendo novamente frequentar esta ermida, tais dúvidas se suscitaram, que foi preciso recorrer ao bispo D. João Martins Soalhães para lhes ser concedida de novo a sua antiquíssima posse e dessa data em diante foi a ermida dirigida por um capelão, religioso do referido convento, eleito em capítulo, que aí vivia com um donato.

O terramoto de 1755 arrasou completamente a ermida, ficando sob os escombros o eremita da ordem que acabara de comungar naquele instante e cujo cadáver veio a ser encontrado ajoelhado e com os braços abertos em cruz.

Quanto à imagem de Nossa Senhora — titular também da Ermida — que sempre fôra muito venerada, foi encontrada soterrada sem graves estragos e em

cuja honra o padre capelão regente, com o auxílio de muitos devotos, lhe mandou erigir logo, no Monte também, uma capela de madeira aonde, com a máxima decência, foi venerada durante algum tempo, consoante refere João Baptista de Castro no seu *Mapa de Portugal*.

Com a fé e o auxílio dos moradores daquelas circunvizinhanças, se foi tratando de reedificar o arruinado templo, trabalho de que foi encarregado o architecto Honorato José Cordeiro e que, como se lê numa pedra que há a encimar a porta travessa, acabou por abrir ao culto em 1757, recolhendo-se a célebre cadeira, do alpendre para o interior da igreja, reservada no ângulo esquerdo debaixo do coro, perto do alpendre, onde ainda hoje se encontra.

Os frades Agostinhos — como senhores dêste local, seu antigo Eremitério, e administradores desta Ermida — plantaram em 1815, no largo, frondoso arvoredado constituído por ailantos, lodãos, amoreiras da China, ulmos, etc. para agrado dos habitantes e recreio dos devotos, pondo na quina externa da Igreja, a um dos lados da porta lateral, a seguinte inscrição:

PATRIÆ AVIBUS ET URBI, HOC NEMBUS IN AMOREN DELECTATIONE
AUGUSTINIENSI PLANTARUNT ANNO M.DCCC.XV

Como nota interessante devemos dizer que, presentemente, da inscrição indicada, apenas se lê: *PATRIÆ*.

Até 1834, data da extinção das Ordens religiosas, era nesta ermida que, no dia próprio, se realizava a festividade a S. Gens e em 8 de Setembro a festa a Nossa Senhora, com tôda a pompa e solenidade, havendo três dias de feira.

Como o govêrno tomasse a si os bens dos religiosos em 1835 e fôsem postos em leilão, Clemente José Monteiro adquiriu a cerca e diversas casas que os Agostinhos possuíam nêsse monte e a quem o govêrno confiou a Ermida e todos os pertences.

Clemente José Monteiro não deixou de festejar Nossa Senhora no dia do seu nascimento, conservando também sempre um capelão que oficiava aos domingos e dias santificados. Tendo falecido em 1848, alguns devotos desta ermida reorganizaram a antiga Corporação dos Escravos de S. Gens e Nossa Senhora do Monte, que já em 1271 existia e de que se encontra na ermida um Livro dos Irmãos, começado em 1791, e de que ainda viviam alguns nessa época (1848).

Parece apurado que foi esta confraria que, juntamente com o religioso capelão da ermida, alcançara o Breve de Roma, datado de 30 de Setembro de 1796, que concedia indulgências perpétuas, assinado pelo Papa Pio VI, para memória futura, aumentar a religião dos fiéis e cooperar para a salvação das almas, movidas com caridade paternal na distribuição dos celestiais tesouros da Igreja. Este breve estava registado no referido Livro dos Irmãos.

O inventário que Clemente José Monteiro recebeu não indica reliquia alguma das que Frei António da Purificação citava, salvo a famigerada cadeira de S. Gens.

Nesta igreja existem várias imagens e uma esplêndida colecção de 12 telas respeitantes aos Apóstolos, da autoria de Joaquim Manuel da Rocha e, ao lado do Evangelho, em frente da porta lateral, um presépio, que se patenteia, nos dias próprios, ao culto dos fiéis.

Desde 1858 que há nesta ermida uma imagem de Nossa Senhora da Graça, que está no altar do lado da Epístola. Essa imagem foi trazida por uns devotos lisboetas que, em virtude das febres que tanto assolaram a cidade, de 1856 a 1858, tinham feito um voto de irem todos em romaria com essa imagem ao Monte de Caparica, onde, festivamente, lhe renderiam graças por os haverem librado — a êles e à cidade — de tal flagelo.

Em 1866 fizeram-se novos restauros.

E parece que nada mais há a acrescentar ao que acima fica exarado a respeito desta bonita ermida, cuja história foi mais de José Joaquim da Silva Mendes Lual do que nossa.

Conforme prometemos, damos uma sùmula da vida de S. Gens, colhida no mesmo folheto de 1893.

O bispo S. Gens, primeiro titular desta ermida, nasceu em Lisboa e viu nos princípios do Cristianismo, tendo sido — consoante alguns historiadores — discípulo de S. Tiago e o segundo bispo de Lisboa, mantendo-se sempre fiel à religião cristã, pela qual se sacrificou.

Percorreu vários pontos do país, prégando a lei cristã para angariar adeptos ao seu crêdo, atraindo-os pela maneira por que doutrinava a sua fé.

Fazendo prodígios em tôda a parte, tornou-se célebre no Monte de Lisboa, aonde, sentado na sua cadeira, era escutado pelo povo da cidade e arredores.

Ao que parece, fôra martirizado em II de Outubro de 66 — no tempo de Nero — com mais cem companheiros.



É natural que esta notícia esteja antiquada pelo menos 85 anos, mas é natural também que não o esteja, pois supomos que a ermida está como a conhecemos há 26 anos.

Vivenda Maria Tereza

Algés de Cima

10.5.945

Acção Cultural do Grupo «Amigos de Lisboa» durante o ano de 1945

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

VISITAS DE ESTUDO

- 14 de Janeiro — Às instalações da Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, dirigida pelo sr. Alfredo Ramos.
- 28 de Janeiro — Ao Edifício dos Paulistas, dirigido pelo sr. Norberto de Araújo.
- 18 de Fevereiro — Às dependências das Oficinas de S. José, dirigido pelo sr. Padre Hermenegildo Carrá.
- 25 de Fevereiro — À Sociedade de Geografia, dirigida pelo sr. Coronel Lopes Galvão.
- 11 de Março — À Igreja de Nossa Senhora da Graça e Antigo Convento anexo, dirigida pelo sr. Mário de Sampaio Ribeiro.
- 25 de Março — À Igreja de Santa Engrácia, dirigida pelo sr. Architecto António do Couto.
- 15 de Abril — À Manutenção Militar, dirigida pelo sr. Tenente Rodrigo Leal.
- 22 de Abril — Ao Hospital da C. U. F., dirigida pelo sr. Polidoro Raposo Ferros.
- 29 de Abril — À Igreja da Madre de Deus, dirigida pelo sr. Mário de Sampaio Ribeiro.
- 6 e 20 de Maio — Ao Museu de Nun'Alvares e Edifício de S. Vicente de Fora, dirigida pelo sr. Jorge Faro.
- 13 de Maio — Ao Palácio dos Condes de Óbidos, dirigida por funcionários da Cruz Vermelha Portuguesa.
- 27 de Maio — Às Ruínas e Museu do Carmo, dirigida pelo sr. dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.
- 10 de Junho — À Igreja dos Anjos, dirigida pelo sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 24 de Junho — Ao Palácio Real, Novo Arsenal da Marinha e Base dos Submersíveis no Alfeite, dirigida pelos srs. Almirante Mendes Cabeçadas e dr. Francisco Cancio.
- 8 de Julho — Ao Palácio Nacional de Queluz, dirigida pelo sr. dr. Francisco Cancio.

- 15 e 22 de Julho — A Tôrre de Belém, dirigidas pelo sr. prof. Armando de Lucena.
- 4 de Novembro — Ao Museu Etnográfico Leite de Vasconcelos, dirigida pelo sr. dr. Luiz Chaves.
- 18 de Novembro — Ao Instituto Português de Oncologia, dirigida pelo sr. prof. Francisco Gentil.
- 9 de Dezembro — A Igreja de Santo António da Sé, dirigida pelo sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel).
- 30 de Dezembro — Ao Palácio da Assembleia Nacional, dirigida pelo sr. Costa Brochado.

CONFERÊNCIAS NA SEDE

- 12 de Abril — *Coisas que faltam em Lisboa*, pelo sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida.
- 19 de Abril — *Fontes d'Aldeia — Chafarizes da Cidade*, pelo sr. prof. Armando de Lucena.

1.ª SEMANA DOS «AMIGOS DE LISBOA»

E 1.ª CONFERÊNCIA BIENAL

Conforme circular remetida aos nossos consócios com o número de Julho de «Olisipo» e aviso publicado no de Outubro, realizou-se de 16 a 23 de Dezembro a *I Semana dos «Amigos de Lisboa»*, com o programa anunciado, largamente noticiada pela imprensa diária. Foram levadas a efeito as seguintes manifestações culturais:

Domingo 16 — Romagem ao coval de Júlio de Castilho, no Cemitério do Lumiar, na qual falou o Sr. Norberto de Araújo. — Visita pública ao monumento dos Jerónimos, dirigida pelo Sr. Prof. Armando de Lucena.

Segunda-feira, 17 — Sessão inaugural da *I Conferência Bienal dos «Amigos de Lisboa»*, presidida pelo Sr. Prof. Augusto Pires Celestino da Costa, que proferiu a alocação de abertura, a que se seguiram algumas palavras pelo Sr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel) pela Comissão Executiva. — Na Emissora Nacional: Caso do dia dedicado à Semana dos «Amigos de Lisboa», em que foi entrevistado o Sr. Prof. Celestino da Costa sobre os objectivos e realização da semana.

Terça e quarta-feira, 18 e 19 — Reuniões das Sessões de Estudos históricos, sociais e urbanísticos, sob a presidência, respectivamente, dos Srs. Dr. João do Couto e Luiz Chaves e architecto Cotinelli Telmo, nas quais foram discutidos os trabalhos apresentados, de que foram respectivamente relatores os Srs.

Drs. Rodrigues Cavalheiro e Durval Pires de Lima e eng. António Emídio Abrantes.

Sexta-feira, 21 — Sessão plenária de encerramento presidida pelo Sr. Dr. Joaquim Fontes que proferiu a alocução de encerramento e conferência sobre *António Luiz no Renascimento Científico Português do Século XVI*, pelo Sr. Dr. Alvaro de Caires.

Sábado, 22 — Récita de amadores com a comédia «O Troca-Tintas», no Clube Estefânia, por amável deferência da Federação Distrital das Sociedades Populares de Educação e Recreio e do Grupo Dramático do Ginásio do Alto do Pina, ensaiado pelo Sr. Vergílio Simões. Foi precedida duma palestra do Sr. Gustavo de Matos Sequeira sobre teatro de amadores em Lisboa, no passado e no presente.

Domingo, 23 — Almôço característico no restaurante «Ferro de Engomar», com a assistência dos artistas, Srs. Erico Braga e Grupo do «Barrete Verde».

Incluídos também nas comemorações da 1.^a Semana dos «Amigos de Lisboa» foram feitas as seguintes conferências:

Terça-feira, 18, na «Casa de Trás-os-Montes», pelo Sr. Dr. Luís Chaves sobre *A Alma transmontana em Lisboa*.

Quarta-feira, 19, no «Atlético Clube de Portugal», pelo Sr. Norberto de Araújo sobre *Santo Amaro vizinho da Ninfa*, e na «Casa do Ribatejo», pelo Sr. Dr. Francisco Cancio sobre *Os fastos da história do Fado e a sua projecção no Ribatejo*.

Sexta-feira, 21, no «Sindicato Nacional dos Construtores Civis» pelo Sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida sobre *Blocos residenciais e de escritórios — Casas compradas por andares*.

Sábado, 22, na «Casa do Distrito do Porto», pelo Sr. Ferreira de Andrade sobre *Homens do Porto que escreveram sobre Lisboa*.

Também na reunião mensal do Rotary Clube o Sr. Ermete Pires fez uma palestra sobre um tema cidadão.

«Olisipo», no seu próximo número, publicará a alocução de abertura da Conferência pelo Sr. Prof. Celestino da Costa e os pareceres dos relatores das Secções respectivas. Em números subsequentes publicará integralmente os trabalhos aprovados para essa publicação pelas referidas secções.

UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL
— — — — —
SÓ NA



RUA DO SALITRE, 151/155
TELEFONE 53173/4 — LISBOA

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique, e para mais portos das Costas Ocidental e Oriental, sujeitos a baldeação em Luanda e Lourenço Marques.

Linha rápida da Costa Oriental

Saídas mensais regulares com escala por:

Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Benguela, e demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação em Luanda.

Linha da Guiné

Saídas mensais regulares, com escala por:

S. Vicente, Praia, Bissau e Bolama.

FROTA

VAPORES DE PASSAGEIROS:

«Serpa Pinto»	8.267 ton.
«Mousinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA:

«Lugela»	8.340 ton.
«Humbano»	7.060 »
«Luango»	7.056 »
«Pungue»	6.290 »
«Bailundo»	5.650 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Buzi»	2.160 »
«Sena»	1.420 »
«Mincondó» (costeiro)	270 »

ESCRITÓRIOS:

LISBOA

Rua do Instituto Virgílio Machado, 14
(à Rua da Alfândega)
Telefone 2 0052

PORTO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 2324

Telef. 20244

Teleg. PAPELCAR

Papelaria

CARLOS

de Carlos Ferreira, Lda.

34, RUA DO OURO, 38
LISBOA



Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL



Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

OS PRODUTOS da

Companhia Portuguesa de Tabacos

SÃO OS PREFERIDOS
PELO FUMADOR EXIGENTE

PICADOS: «Superior», «Francês»,
«Virginia», «Duque» «Holandês» e
«Águia»

CHARUTOS: «Irene» e «Argonautas»

Cigarilhas

Gamas, Avis, Diana, Legionários,
Delta, Eureka, Menta, Lusos, Pro-
visórios, Sporting, Navalistas, Ele-
gantes, Turquesas, Tip-Top, Tugus,
Sereias, Luxo, Sado, Argus, Ases, Sagres, Chic,
Lisboa P. Peitoral,

SÃO MARCAS DA

Companhia Portuguesa de Tabacos

Arrendatária das Fábricas
e marcas de Tabacos do Estado

AGÊNCIA HELICE

DE

Alfrado Rodrigues dos Santos

COMÉRCIO
IMPORTAÇÃO
EXPORTAÇÃO

CORRETOR DE SEGUROS

REPRESENTAÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Avenida da Liberdade, 69

Telefone 22119—LISBOA

COMPANHIA

ALCOBIA

Fornecedores dos melhores
e mais lindos mobiliários

COMODAS DE ESTILO—PORCELANAS
DE SAXE—ESPELHOS DE VENEZA—
CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO
FORJADO E DE MADEIRA—TAPEÇA-
RIAS—MARQUISSETES E VOILES
SUIÇOS—CARPETES DE LA

COMPANHIA

ALCOBIA

Rua Ivens, 14 (esquina da Rua Capêlo)

Telef. 26441

AGENCIA BRITISH PAINTS

ALFREDO RODRIGUES
DOS SANTOS

Agentes exclusivos da

BRITISH PAINTS LTD

A maior e mais moderna
Fabrica de tintas do Mundo
Consórcio das 6 melhores
Fabricas inglesas e mais 18
associadas em todo o mundo

Av. da Liberdade, 69—LISBOA

CIMENTO TEJO

CANTARIAS — MÁRMORES

ANTONIO MOREIRA RATO & F.^{OS}, L.^{DA}

Telefone 6 0879

Telegramas — RATOFILHOS

**Avenida 24 de Julho, 74-F.
LISBOA**

OCIDENTE

REVISTA MENSAL PORTUGUESA

Director: ÁLVARO PINTO



*Preços das assinaturas, por ano
com direitos aos números especiais*

Portugal, 120\$00; Brasil, 120\$00; Colónias
Portuguesas, 125\$00; Estrangeiro, \$7 (ch)



**Rua do Salitre, 155—Lisboa
PORTUGAL**

Casa dos Panos

A PRIMEIRA CASA
DA ESPECIALIDADE



Sortimento completo em panos
brancos e de côr e em linhas
::: de todas as larguras :::



45, Rua dos Fanqueiros, 49
(à esquina da Rua de S. Julião)

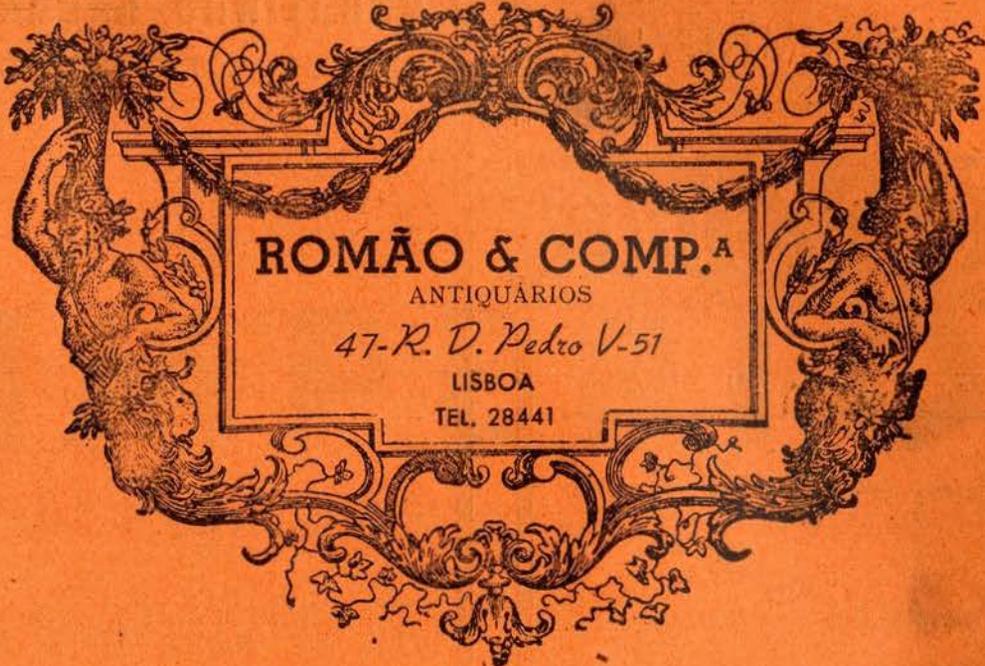
Secção de Tipografia, Encadernação e Pautação. Trabalhos simples e de luxo

Papelaria Camões

DE
AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO,
LIMITADA

Pincéis, telas e tintas de óleo, para aguarela, desenho e guaches das marcas:
Lefranc, Windsor, Pelikan e Schmincke

42 — Praça Luís de Camões — 43
Telef. 2 3063 — LISBOA



ROMÃO & COMP.^A

ANTIQUÁRIOS

47-R. D. Pedro V-51

LISBOA

TEL. 28441

RUAS DE LISBOA

Notas para a história das vias públicas lisboenses

OBRA POSTUMA DE J. J. GOMES BRITO

Erudito investigador, publicista e académico

REVISTA E PREFACIADA POR ANTÓNIO BAIÃO

Director do Arquivo da Torre do Tombo

3 volumes reunindo um total de cerca de 1.000 páginas
Vol. I abrange as letras A a L, e um erudito prefácio de A. Baião. Vol. II as letras M a S e Vol. III reúne além das letras T a Z os estudos: — «Antiguidade e Orientação das igrejas paroquiais de Lisboa» e «Os itinerários de Lisboa». Arrola ainda pelos diferentes distritos os conventos, as igrejas, as ermidas, os oratórios e até as vias públicas, etc, etc.

— OBRA COMPLETA 60\$00 —

Pedidos à **LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA**

Rua Garrett, 100-102 — LISBOA

AO PEDIR

ÁGUA MINERAL

PEÇA



LEVE, ESTOMACAL, LÍMPIDA

Efeitos imediatos na digestão

#

—A' venda em toda a parte—

AGOSTINHO CABRAL

PINTOR E DOURADOR



Móveis dourados

Molduras douradas e enceradas
Pinturas e decorações em salas



RUA DA ROSA, 193 a 197

Telefone, 20425

Livraria Portugália

75, Rua do Carmo — Telef. 20791

LISBOA



Livros nacionais e estrangeiros



*Grandes sortidos das melhores
edições inglesas e americanas, de
Literatura, Estudo, Arte,
História, Medicina, Economia,
Direito, etc., etc.*

Sempre as melhores novidades



Fácil de preparar, de sabor agradável,
é um excelente reconstituinte altamente
nutritivo e de notável digestibilidade. —
O alimento ideal para colegas, desportistas,
jovens, mães enfraquecidas, débeis,
convalescentes e pessoas idosas

N E S C A O

É UM PRODUTO NESTLÉ

A marca que inspira confiança

Os «Amigos de Lisboa»,

Preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

OLAIO
MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES



R. DA ATALAIA - LISBOA



CHÁ CELESTE
preto e verde, uma delícia!

CAPTAÇÕES
 DE ÁGUA
 SUBTERRANEA



FUNDAÇÕES
 DE TODOS
 OS GÊNEROS

(Um quarto de século de especialização Técnico)

Empresa de Sondagens e Fundações

TEIXEIRA DUARTE, L.^{DA}

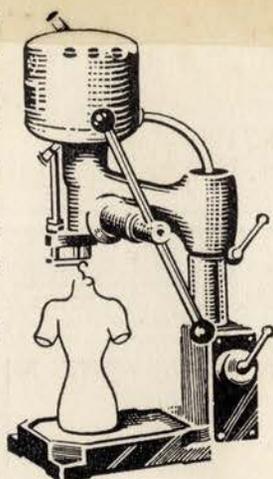
Rua da Betesga, 57, 3.^o, Esq.

LISBOA

HIDRODIFUZOR AUTOMÁTICO

DE FACTOR DUPLO
PARA LIMPEZA E
VAPORIZAÇÃO DOS FATOS

EXCLUSIVO
da
ALFAIATARIA
DE



ANGELO SOARES

Fundada ha 25 anos

Rua da Prata, 156, s/l.

(frente à Igreja de S. Nicolau)

Telefone 2 3422

M É T O D O CALIGRÁFICO

por Pinto de Mesquita

Professor jubilado em 1943 na
Escola Comercial de Veiga Beirão

Premiado com as medalhas de Prata e
Bronze nas Exposições do Rio de Janeiro
1908 - 1922 (Únicas a que concorreu)

Acaba de sair a 6.^a edição, correcta e
aumentada. O mais completo de todos os
métodos. Um volume brochado com 110
modelos 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA ALBANO DE SOUSA BARBOSA, LDA.

145, Rua da Palma, 147—LISBOA

Livros de fôlhas sôlta
Máquinas de somar
calcular e endereçor

TELEFONE 2 4986

Sociedade Equipamento de Escritório, Limitada

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 53, 1.º

Material em aço para
escritório, de fabrico
inteiramente nacional

An advertisement for electrical products. It features a large, dark, triangular graphic with a lightbulb at the top left. The text is arranged around and within this graphic. On the left side, vertical text reads: 'EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL.º 62177-62178 AVENIDA 24 DE JULHO 156 - LISBOA'. Below this, more vertical text says: 'ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL É GARANTIA DE OBTER MATERIAL DE QUALIDADE SUPERIOR'. In the center, the word 'LUMIAR' is written vertically in large, bold letters. To the right of 'LUMIAR', vertical text reads: 'LÂMPADAS', 'MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES', and 'GERADORES'. At the bottom right, the word 'ENAE' is written vertically in large, bold letters. Below 'ENAE' is a small illustration of an electrical motor. To the right of the motor, the text 'Fabrico nacional' is written vertically.

V. Ex.º pensa há muito fazer um seguro de vida a favor dos seus, não adie. A

ULTRAMARINA

tem a modalidade que lhe serve

Delegações e Agências em todo o Continente, Ilhas e Império Colonial

Sede em Lisboa: — R. DA PRATA, 108
Telefs. 23348 — Estado 205

Bertrand (Irmãos), L.º da

Fotogravura
Tipografia
Fotólito
Desenho

T. Condessa do Rio, 27 — Telef.-21368 2 1227

A LOJA DO ARCO

que é uma *Sapataria* onde não se paga luxo e serve bem, concede ainda um desconto especial aos

AMIGOS DE LISBOA

Rua da Mouraria, 1
LISBOA — Telef. 2 9084



Leilões de livros

Procure, para venda dos seus livros, a única forma de os colocar bem

ARNALDO HENRIQUES DE OLIVEIRA

Já fez 119 leilões

L. do Calhariz, 14
Telef. 2 8477

10/ct
26092



PHILIPS

a luz que não fatiga os olhos

Feliciano José da Silva



Ourivesaria, Jóias e Relojoaria



Rua Aurea, 16
LISBOA



Alberto Alves Natário

Encadernações simples e de luxo

Vivenda Yolanda
Bairro da Mina
AMADO A

Miguel A. Fraga, L.º da

R. da Palma, 26-28—LISBOA

Ourivesaria, relojoaria e joalheria

Compra-se Ouro, Prata e Brilhantes

Grande sortido em MONOGRAMAS Em ouro e prata para carteiras

Descontos especiais a todos os «Amigos de Lisboa»

Ná sempre jóias em 2.º mão

Especialidade em Anéis, Medalhas, Alfinetes, etc., com retra-

Tudo mais barato

Ourivesaria da Guin

FUNDADA EM 1875

JÓIAS — OURO — PRATAS — RELÓGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 / Telefone 28336